



Centro Universitário de Brasília

Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

ELIAS SILVA ARAÚJO

**PERCEPÇÕES DAS RESISTÊNCIAS E DAS ADESÕES À
EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO POPULAR NA CASA DE
PAULO FREIRE EM SÃO SEBASTIÃO-DF**

**BRASÍLIA
2017**

ELIAS SILVA ARAÚJO

**PERCEPÇÕES DAS RESISTÊNCIAS E DAS ADESÕES À
EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO POPULAR NA CASA DE
PAULO FREIRE EM SÃO SEBASTIÃO-DF**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de Pós-
graduação *Lato Sensu* História, Sociedade e
Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Ciarallo

BRASÍLIA
2017

ELIAS SILVA ARAÚJO

**PERCEPÇÕES DAS RESISTÊNCIAS E DAS ADESÕES À
EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO POPULAR NA CASA DE
PAULO FREIRE EM SÃO SEBASTIÃO-DF**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de Pós-
graduação *Lato Sensu* História, Sociedade e
Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Brasília, 01 de setembro de 2017.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Prof. Dr^a. Joelma Rodrigues da Silva

Prof. Dr^a. Mara Franco de Sá

AGRADECIMENTOS

A Deus por nunca ter me abandonado durante toda caminhada, dando-me força e perseverança para não desistir no primeiro obstáculo.

À minha mãe, Maria Ribeiro Silva, por ter me dado a oportunidade de conhecer e frequentar a escola, sendo exemplo de luta e determinação.

À minha esposa Herlis Alves Cardoso Araújo, pela paciência e por ter entendido a importância do curso para a minha formação pessoal e profissional.

Aos meus filhos, Herline Araújo e Heyner Araújo, por serem exemplos de comportamento em família e na sociedade, nunca se esquecendo dos valores passados por mim, do respeito, da ética, da moral e dos bons princípios.

Ao meu primeiro neto Murilo Lima, que ele tenha a certeza que será amado por todos (as) da família.

Ao meu orientador, professor Gilson Ciarallo, por todo auxílio, paciência e um comportamento profissional que me fez entender a importância do trabalho pesquisado, dando-me mais motivação para lutar pelas causas sociais.

Agradeço as professoras Joelma Rodrigues e Mara Franco de Sá por terem aceito o convite compor a banca de avaliação deste trabalho.

A todos os meus mestres, pessoas sensíveis e comprometidas com a educação, como Ronieri Amaral, Luís Cláudio, Raquel Boing, Joelma Rodrigues, Leandro Bulhões, Ana Luiza, Cristiane Portela, Inêz Castro, Regina Coelly, Rudhra Gallina, Eduardo Kolody, Rafael Rosa e Gilson Ciarallo e Tânia.

A todos os colegas de classe por terem me dado a oportunidade de compartilhar momentos inesquecíveis, como Guilherme, Bruno, Patrícia, Denilson, Waldinez, Antônio, Henrique, Marina, Anna Gabriela, Cláudia, Raphael, Lorena, Bárbara, Pedro, Concita, Heitor, Juliana, Alice, Renata, Maria, Ulisses, Pedro Celso e Divina.

A toda equipe do Uniceub por terem me proporcionado momentos que ficarão para sempre na memória.

A Paulo Freire que, onde estiver será sempre lembrado por aqueles que acreditam uma educação progressista e libertadora.

Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio em seu tempo histórico de marchas. Marcha dos que não têm escola. Marcha dos reprovados. Marcha dos que querem amar e não podem. Marcha dos que se recusam a uma obediência servil. Marcha dos que se rebelam. Marcha dos que querem ser e são proibidos de ser.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender as resistências e adesões ao projeto de alfabetização popular de jovens, adultos e idosos em vigência na Casa de Paulo Freire, na cidade de São Sebastião, no Distrito Federal. A metodologia utilizada foi inspirada em Paulo Freire cuja proposta é de uma educação dialógica que valoriza a cultura popular e os movimentos populares e sociais, tendo o educando (a) como sujeito principal do processo, que fundamenta a proposta de trabalho na Casa de Paulo Freire. Trata-se de uma pesquisa que se utiliza da estratégia estudo de caso e da técnica entrevista semiestruturada com a comunidade adjacente à casa Paulo Freire, em São Sebastião. Os resultados da pesquisa evidenciam a importância do movimento popular para a organização de projetos e ações que visam à qualidade de vida dos educandos (as) e seu desenvolvimento político-social, contribuindo para a conscientização política libertadora, levando à participação crítica para a transformação da sociedade.

Palavras-chave: Alfabetização; Movimentos Populares; Conscientização e Libertação; Paulo Freire.

ABSTRACT

This paper has as a general objective to identify the resistances and adherences of the popular literacy project of youth, adults and elderly in the city of São Sebastião. The methodology used was inspired in Paulo Freire, whose proposal is one of a dialogic education that values popular culture and social and popular movements, having the one educating as a prime subject of the process, that founds the proposal of the work in the Casa de Paulo Freire. These are the concerns of a qualitative research and case study, with semi-structured interviews. The results of the survey put forth evidence of the importance of popular movements in the organization of projects and actions that view the quality of life of those educating and their social political development, contributing to a liberating political awareness, bringing a critical participation to society.

Key words: Literacy. Social and Popular Movements. Awareness. Release. Paulo Freire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL.....	13
1.1 Histórico da Alfabetização no Brasil.....	16
1.2 Perfil das Comunidades Não- Alfabetizadas	17
2 A EJA E OS MOVIMENTOS POPULARES	20
2.1 EJA: Um compromisso da Sociedade Brasileira	22
2.2 Histórico do Movimento Popular no Brasil	24
2.3 Campo de Atuação do Movimento popular e Social.....	28
3 O MÉTODO DE PAULO FREIRE E A CASA DE PAULO FREIRE	32
3.1 Casa de Paulo Freire - da utopia a realidade.....	39
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
4.1 Considerações Metodológicas	48
4.2 Método	48
4.2.1 Estudo de Caso	48
4.2.2 Instrumentos	49
4.2.3 Procedimentos para Coleta e Análise dos Dados.....	49
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
5.1 Quanto as Resistências:	52
5.2 Quanto as Adesões:	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICE A - Quadro Comparativo - respostas dos entrevistados participantes - Resistências	86
APÊNDICE B - Quadro Comparativo - respostas dos entrevistados participantes - Adesões	90
APÊNDICE C - Roteiros das Entrevistas	93
ANEXO A - Mapa do Analfabetismo no Brasil	94

INTRODUÇÃO

A história da educação no Brasil sempre foi voltada para uma minoria detentora de riquezas. A aristocracia rural foi a primeira a ser contemplada com vários privilégios, incluindo a escola, para os filhos dos grandes proprietários de terras.

O tempo passou e os reflexos desse pensamento ultrapassado e discriminador surtem até hoje os seus piores efeitos – o número de analfabetos em nosso país é muito grande¹. Segundo Paulo Freire (1978, p.1), “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido”.

Foi assim que, movido pela proposta freireana de alfabetizar adultos que comecei a observar a realidade de nossa comunidade em São Sebastião-DF. Nessa região administrativa de Brasília há aproximadamente 120 mil habitantes. A cidade, que surgiu como agrovila com a vocação agrária de poucos moradores que trabalhavam a terra, criavam gado, e fabricavam tijolos para a construção de Brasília, cresceu da noite para o dia e, com o seu crescimento, vieram os problemas estruturais que são comuns em toda cidade que começa sem planejamento urbanístico, a falta de infraestrutura e de saneamento básico – esgoto, água tratada e coleta de lixo é parte dos problemas.

No começo da cidade, existia uma regra estabelecida pelos fracionadores de terra, mais conhecidos como “grileiros”, que não aceitavam a construção de barracos de madeira. Assim a cidade foi construída com tijolos fabricados na localidade, o que era uma forma de valorizar o comércio local.

A população tem características definidas. Quase sempre são pessoas que vieram de outros estados na busca de oportunidade de emprego na Nova Capital, e

¹ Conforme dados do IBGE em 2012 e divulgada em setembro de 2013, a taxa de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais foi estimada em 8,7%, o que corresponde a 13,2 milhões de analfabetos no país”. (IBGE)

que se decepcionaram com o sonho de buscar um lugar ao sol. Gente que há muito tempo lutava para sair do aluguel, do agregado e via naquela cidade a oportunidade de ter um teto, um pedaço de terra.

Como o nível socioeconômico da comunidade é baixo, vivemos numa cidade dormitório, já que a maioria da população trabalha em outras localidades, principalmente no Plano Piloto, Lago Norte e Lago Sul. São, predominantemente, profissionais liberais: domésticas, diaristas, jardineiros, pedreiros, marceneiros, eletricitas, balconistas, babás, pessoas que vivem cotidianamente a luta pela sobrevivência. Como na cidade há pequenos comerciantes que vendem material de construção, a quantidade de carroceiros é muito grande.

O nível de escolaridade da população é baixo: uma grande parcela não chegou a concluir o ensino fundamental e médio, sem falar dos analfabetos total e funcionais. Essa situação limita uma perspectiva de futuro, sendo que a maioria faz resistência e não participa do mundo escolar ou pouco se interessa.

É esse o cenário que temos. Não podia, portanto, ficar alheio a essa situação. Inspirei-me, assim, no educador que fez uma verdadeira revolução na educação popular do país, que tinha na sua prática de ensinar um profundo respeito pelo ser humano e via no conhecimento a única alternativa de libertação política para aqueles que vivem à margem da sociedade capitalista.

Na tentativa de reverter esse quadro, entreguei-me de corpo e alma ao estudo das obras do mestre. A Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1978) foi a minha inspiração e compreender que temos a oportunidade de reescrever vidas e mudar destinos me fez seguir adiante, exercitando a educação como prática de liberdade e autonomia.

A concepção educativa freiriana entende a cultura popular como uma fórmula para a mudança e, usando o conhecimento de mundo dos educandos como a bagagem que os excluídos carregam, aproveita o universo vocabular que é tudo aquilo que o educando (a) conhece e convive no seu dia a dia. Com isso as aulas tornam-se menos estressantes e todos entendem e falam a mesma linguagem.

A escolha do tema a ser pesquisado me motivou pela experiência que já tenho com a alfabetização de jovens, adultos e idosos aliada às atividades culturais, o que levou-me à percepção da necessidade de se criar um projeto de educação

popular na cidade de São Sebastião-DF, para atender uma demanda reprimida de pessoas que precisam de uma oportunidade para se alfabetizar e sentir-se incluídas no universo educacional. Segundo Paulo Freire (1978, p.95), “se é dizendo à palavra que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significado enquanto homens”.

Assim, aproveitando a ideia do projeto de alfabetização e as atividades culturais já em andamento, emerge a seguinte pergunta de pesquisa: Como os alfabetizandos e alfabetizandas da Casa de Paulo Freire, em São Sebastião, expressam suas resistências e adesões à proposta ali desenvolvida?

Há vinte anos nasceu em São Sebastião – DF a Casa de Paulo Freire projeto de iniciativa popular que faz o levante da necessidade de viabilizar projetos populares educacionais em comunidades carentes que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Devido à falta de um olhar mais holístico e cuidadoso por parte do Estado com as camadas vulneráveis não alfabetizadas no País, a sociedade civil se vê na responsabilidade de construir alternativas educacionais para se equacionar tamanha desigualdade social.

É com o objetivo de compreender melhor esta realidade social, na visão do educador popular ou de outro agente da educação que surgiu a proposta de pesquisar com mais profundidade o público alvo existente nas comunidades de baixa renda.

Dentro da visão de mundo dos não alfabetizados, esta reflexão se faz necessária, pois o trabalho de educação proposto por Paulo Freire vai muito além da alfabetização, uma vez que coloca em evidência o papel do professor e os seus desafios educacionais a frente da escola pública com um contingente tão considerável de pessoas não escolarizadas.

O objetivo geral é compreender como se manifestam as resistências e adesões ao projeto de alfabetização de adultos da Casa de Paulo Freire a partir da escuta atenda aos alfabetizandos e alfabetizandas. Os objetivos específicos são: Estudar o referencial teórico que fundamenta a objeto de estudo desta pesquisa; apresentar a proposta pedagógica desenvolvida na Casa de Paulo Freire; Identificar

e as percepções de adesão e resistências dos educandos e educandas quanto à proposta de alfabetização realizada na Casa de Paulo Freire.

Destaque-se que inexistia na Secretaria de Educação uma proposta pedagógica diferenciada para atender essa demanda reprimida não escolarizada. Na verdade os espaços das escolas públicas não estão abertos e nem foram preparados para trabalhar a alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos da comunidade. Outro ponto que precisa ser analisado é o fato dos docentes da rede oficial não terem uma formação adequada para lidar com esse público, uma vez que a proposta tradicional de ensino faz a maioria dos educandos(as) que buscam se alfabetizar na rede pública de ensino, desistir no meio do caminho, tamanho o desinteresse por parte de alguns professores que acham desnecessário alfabetizar adultos e idosos por acreditarem que esses já estão com a idade avançada e não precisam mais estudar. O professor, sem perceber, ou mesmo por despreparo, acredita-se, acaba influenciando de forma negativa na autoestima dos educandos e educandas levando-os para a desistência de forma precoce.

Diante deste cenário exposto acima as instituições da sociedade civil organizada desempenham um papel fundamental quando procuram ocupar alguns espaços de atuação, onde o Estado se mostra deficitário, cumprindo um papel que deveria ser das repartições públicas e seu corpo de gestores.

Acredito que o resultado desse trabalho vai me motivar a permanecer na luta junto aos movimentos sociais e populares, e também motivar outras pessoas para a participação em projetos de inclusão social pela educação, uma vez que percebam que as transformações dos sujeitos atendidos possam impactar diretamente no desenvolvimento cultural da sociedade.

Acredita-se de que o fruto desta ação educacional efetiva proporcionará ao educando(a), após ser alfabetizado e transformado, a oportunidade de sentir a necessidade de se inserir de forma definitiva no universo escolar, ajudando no desenvolvimento da comunidade.

O primeiro capítulo traz um histórico da alfabetização no Brasil e em seguida traça o perfil das comunidades brasileiras não-alfabetizadas. O segundo capítulo reflete sobre a EJA (Educação de Jovens e Adultos), a sua relação direta com os movimentos populares bem como sobre a importância desses para a alfabetização.

No terceiro capítulo o método criado por Paulo Freire é descrito e junto a isso será abordado o surgimento da Casa de Paulo Freire, que é o local de pesquisa onde esse trabalho se desenvolveu. No quarto e último capítulo os procedimentos metodológicos adotados serão demonstrados e será realizada a apresentação dos resultados da entrevista realizada com os alunos da Casa de Paulo Freire.

1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO E DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Ao focalizar o panorama do século XVI e XVII, constata-se, conforme destaca Aranha (2006), que ficou marcado pela chegada dos jesuítas em nosso país. Esses primeiros educadores traziam na bagagem uma vasta experiência da educação implantada no continente europeu, pois o Clero tinha forte influência nas diretrizes educacionais implantadas no velho mundo.

Os jesuítas estavam determinados a implantar o mesmo modelo no Brasil: fundaram a Companhia de Jesus, cuja estrutura balançou a Corte existente. Era o início das Missões. Os padres, com o seu poder de convencimento e muito dinheiro, fizeram uma forte investida nas camadas populares existentes e acertaram um alvo jamais esperado por eles, os indígenas, que eram tidos pelos europeus como selvagens.

Com as áreas demarcadas e com o público alvo identificado, os jesuítas começaram a colocar em prática o seu plano mais audacioso: a catequese dos povos indígenas. O ensino jesuítico era muito avançado, voltado unicamente para o ensino secundário.

Temendo que os jesuítas estivessem montando um império educacional cristão no Brasil, o marquês de Pombal fez uma forte investida contra os padres jesuítas, expulsando-os de nosso País. Essa foi à comprovação de que a educação não tinha nenhum valor para os exploradores e administradores da Coroa portuguesa. Como o Brasil era colônia de exploração e a população rural era maior que a população urbana, as primeiras vítimas da falta de planejamento e da vontade política para com a educação foram os trabalhadores rurais, que tinham um contingente incalculável de negros escravizados.

Em 1808, a família real portuguesa foge de Portugal com medo do exército de seiscentos mil homens comandado por Napoleão Bonaparte, consumando de vez a ocupação do Brasil. Enquanto isso, a burguesia rural e a aristocracia travam uma verdadeira luta pelos espaços de ensino que são poucos.

Quando a família real chegou ao Brasil, existiam apenas as ineficientes aulas régias do tempo do marquês de Pombal, o que obriga o rei a criar novas escolas para atender a demanda vinda de Portugal, embora ainda não houvesse uma política pedagógica definida para o ensino brasileiro. Enquanto isso, na Europa, Augusto Comte (1798-1857), discute o positivismo onde destaca as pesquisas científicas. Gabriel Pillar Grossi (2009, p. 50), ressalta que:

Comte via todas as sociedades num estágio de harmonia bem direcionadas na busca de conhecimentos científicos para o desenvolvimento coletivo dos indivíduos. Era a tão almejada ordem; o progresso seria trabalhar para o desenvolvimento da sociedade, cada indivíduo ocupando o seu espaço nas indústrias, nos campos, nas escolas etc.

O resto do mundo caminhava em direção oposta, defendendo uma educação para todos; enquanto isso, a coroa portuguesa insistia em ditar as ordens sobre a educação e colégios foram criados numa tentativa desesperada de controlar o ensino que se via ameaçado pela iniciativa privada e pelo retorno dos jesuítas 80 anos depois de sua expulsão.

Segundo Aranha (2006, p. 79), “o ensino técnico no período do Império é bastante incipiente”. O governo desinteressado pela educação popular e também pela formação técnica, volta-se para as profissões liberais destinadas à maioria privilegiada. Isso reforça a ideia de que o Império não tinha compromisso com a educação das camadas populares, as quais eram tratadas como sub-raça em uma colônia falida intelectualmente onde prevalecia à vontade da Corte.

Enquanto isso, na Europa, o materialismo defendido por Karl Marx mobilizava o proletariado para a luta de classes. Era a insatisfação do trabalhador operário contra a classe dominante, a burguesia. As forças opressoras nunca tinham sofrido uma investida tão forte. A audácia de Marx sacudiu o velho continente; para ele, educação e trabalho teriam que caminhar juntos para a transformação da sociedade.

Grossi (2009) enfatiza que um dos objetivos da revolução prevista por Marx era recuperar em todos os homens o pleno desenvolvimento intelectual, físico e técnico. É nesse sentido que a educação ganha ênfase no pensamento marxista. “A superação da alienação e da expropriação intelectual já está sendo feita, segundo Marx”, completa Konder (2009, p. 55), acrescentando que “o processo atual se aceleraria com a revolução proletária para alcançar, afinal, as metas maiores na sociedade comunista”.

No Brasil, o Império agonizava e a Igreja Católica, que até então dominava a educação, começava a sofrer intervenção da corrente positivista, que teve uma forte influência na libertação dos africanos aqui escravizados e na proclamação da República.

Na primeira República (1889-1930), as atenções se voltam para educação e pela primeira vez é colocada em discussão a sua pedagogia, assunto que nunca teve importância por parte do Estado e nem dos teóricos que tinham a obrigação de cuidar dela.

Na Europa, Antonio Gramsci faz o levantamento de alguns conceitos da revolução pelo proletariado que via na mudança de mentalidade a única forma de libertar o dominado das garras do dominante. Nesse contexto, os intelectuais teriam um papel de destaque, pois eles já se encontravam organizados nas escolas, ponto de partida da luta pela emancipação das massas.

Grossi (2009) confirma que na escola prevista por Gramsci, as classes desfavorecidas poderiam se inteirar dos códigos dominantes, a começar pela alfabetização. A construção de uma visão de mundo que desse acesso à condição de cidadão teria a finalidade inicial de substituir o que Gramsci chama de senso comum – conceitos desagregados, vindos de fora e impregnados de equívocos decorrentes da religião e do folclore. Com o termo folclore, o pensador designa tradições que perderam o significado, mas continuam se perpetuando. Para que o aluno adquira criticidade, Gramsci defende, para os primeiros anos de escola, um currículo que lhe apresente noções instrumentais – ler, escrever, interpretar, fazer contas, conhecer os conceitos científicos – e seus direitos e deveres de cidadão.

Na Segunda República (1930-1945), o Brasil vive mais intensamente a onda do desenvolvimentismo e começa a investir na urbanização e na produção industrial. A nova realidade passa a exigir uma mão-de-obra especializada e foi preciso investir na educação. A situação era grave já que o índice de analfabetismo atingia 80% da população na década de 20.

Em 1930, cria-se o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sanciona decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes. Em 1932, é publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que defende a educação obrigatória, pública, gratuita

e laica como um dever do Estado, a ser implantada em programa de âmbito nacional. Critica o sistema dual, que destina uma escola para ricos e outra para os pobres, reivindicando a escola básica única. No final da década de 40, um educador que se interessa de perto a este estudo – Paulo Freire – começa a se destacar por seu trabalho com analfabetos pobres na periferia de Recife em Pernambuco.

1.1 Histórico da Alfabetização no Brasil

De acordo com Cagliari (1998, p. 28), “quem inventou a escrita inventou, ao mesmo tempo, as regras da alfabetização, ou seja, as regras permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-la apropriadamente”. A alfabetização é tão antiga quanto os sistemas de escrita.

Para que a escrita continue sendo usada, é preciso ensinar às novas gerações a sua importância para o desenvolvimento da aprendizagem. A escrita é para ser utilizada e reutilizada para que essa habilidade não caia no esquecimento, caso contrário estaria sendo substituídas por decifrações. As primeiras cartilhas usadas nas escolas até 1950 davam muito importância à leitura. Aprender o alfabetário era a matéria principal.

A leitura se desenvolvia através de exercícios, tendo como objetivo decifrar e identificar as palavras.

Nesse contexto, os alunos aprendiam diferenciar letras e sons, conforme o universo ortográfico existente. Havia um cuidado com as pronúncias e com a fala, a ideia era se construir uma linguagem padrão que os literários insistem em chamar de “norma culta”. A escola procurava manter um padrão linguístico para não fugir do padrão social, onde os textos de autores famosos norteavam os rumos das leituras, e enaltecia os literários da elite branca.

Copiar textos imensos era a forma de se melhorar a escrita e quase sempre o aluno levava para casa como determinação do professor a tarefa de copiar várias páginas do livro didático que seria cobrado na aula seguinte.

A cartilha, que foi desenhada para o exercício da leitura, passou por mudanças radicais quando na década de 50, a escola começou a se dedicar à alfabetização dos alunos pobres da cidade e do campo que, carentes de recursos materiais e com uma cultura familiar iletrada, empregavam uma didática totalmente diferente do vocabulário da elite econômica. “A ênfase passou a ser dada à produção escrita pelo aluno e não mais à leitura. O importante agora era aprender a escrever palavras” (CAGLIARI, 1998, p. 26) e, com essa mudança, a escola deixou de se preocupar com a aprendizagem do aluno, passando a se dedicar exclusivamente ao ensino.

1.2 Perfil das Comunidades Não- Alfabetizadas

Segundo Tfouni (1999, p.18),

Comparando-se o tempo durante o qual um grupo de adultos não-alfabetizados frequentou a escola (tempo de escolarização) e ainda com fato de terem, ou não, sido alfabetizados, frequentar a escola por si só não garante ao sujeito níveis altos de letramento, nem domínio da escrita.

Desse modo, a pesquisa realizada pela autora acima destacada aponta que, embora muitos alunos terem cursado, às vezes durante sete anos, o ensino elementar, não foram alfabetizados e não conseguiram ser promovidos da primeira para a segunda série, além de outros que, apesar de terem atingido até a quarta série (incompleta), continuam, no entanto, sem saber ler nem escrever até o próprio nome.

Esse fenômeno da quartaserização² das comunidades periféricas perdura até hoje, trata-se de uma ideia que atravessa séculos e que foi colocada na cabeça de gerações de trabalhadores e trabalhadoras da cidade e do campo pelos detentores do capital, latifundiários e empresários urbanos. Essa preocupação da classe dominante em convencer o operário e o camponês em não permanecer na escola é

² Termo usado para designar um grupo de pessoas que chegaram a concluir somente a 4ª série do Ensino Fundamental.

definida por Freire como uma “aderência”, a qual o autor define como uma ação que se traduz em más intenções.

Na avaliação da classe empresarial um trabalhador instruído representa uma ameaça ao seu patrimônio na medida em que absorvem conhecimentos e começam a tecer questionamentos sobre a sua situação salarial e reivindicar outros direitos, quando esse se engaja nos movimentos sindicais que representam a classe à qual pertence.

Outro fato é que: um trabalhador não escolarizado pouco tem conhecimento dos seus direitos legalmente constituídos na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), são presas fáceis de serem enganadas e também são os primeiros a serem demitidos quando o empresário quer fazer cortes para contenção de despesas.

Deixa de ser interessante para o patrão mantê-lo no quadro de funcionários por entender que esse é um gasto a mais, são descartáveis. Nesse cenário desfavorável na relação patrão – empregado não restam alternativas para o trabalhador popular da periferia a não ser buscar se inserir nas escolas que tem educação de jovens, adultos e idosos. A alfabetização lhe dará a possibilidade de fazer o experimento da dialética, da prática de ensino contextualizado entre oralidade e escrita substratos iniciais que farão com que o sujeito, que hora fora instrumento de manipulação, faça um desmembramento das chamadas massas de manobra que vivem na inércia, pressuposto fundamental para a sua alienação.

Como destaca Paulo Freire (1967, p. 46):

(...) na medida em que as camadas populares se mobilizam conseguem a visualização das elites, estas se sentem fragilizadas e começam a adotar medidas paternalistas numa tentativa desesperada de silenciar as classes oprimidas. Procuram travar o processo de mobilização decorrente da emergência popular.

Assim, dialogando com os sujeitos das comunidades não escolarizadas, se percebe que fatores que impedem a sua “aderência escolar” estão muito além do que o desinteresse construído pelo próprio sujeito, esses são vítimas da política do conformismo em aceitar o pouco e com o pouco sobreviver, condição posta por quem tomou para si o direito de viver e deixou para o outro somente a opção de sobreviver.

Destacam que estão amparados por programas assistencialistas que impedem que deem um passo a mais na busca de conhecimentos e a construção de um histórico escolar. São sujeitos que se sentem contemplados com o pouco que recebem dos programas de ação social do estado, ou do minimizado salário que pegam quando esses estão trabalhando com a carteira assinada, ou não.

Quando se propõe a estudar é porque precisam resolver algo relacionado ao trabalho que é a sua fonte de sobrevivência e visando uma promoção futura, querem pressa, pois o tempo conspira contra quem não sabe ler e escrever. É muito difícil encontrar no meio dessa demanda reprimida sujeitos que queiram estudar por simples prazer de estudar, sempre tem por trás da decisão algum interesse pessoal que passa por desde receber um aumento de salário a tirar a carteira de habilitação ou resolver o problema da digital na identidade que para a maioria é motivo de muita vergonha.

No relato de Paulo Freire (1967, p. 31) “Aprender a ler e escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra”. Um comportamento do sujeito que requer muita concentração para se trabalhar pontos que são importantes na sua formação como as reflexões e as ações. Dizer a palavra, não significa somente dizer a palavra, tem que ser muito mais que isso. Tem que dizer a palavra de forma verdadeira, externalizando o tempo de ausência de estudos e pesquisas.

Esse privilégio não pode ser somente de uma minoria que insistem no passar dos séculos em silenciar a maioria. Os trabalhadores da cidade e do campo às vezes não percebem que são transformadores de sua própria história quando consegue transformar a terra para o plantio e nela se estabelecer.

2 A EJA E OS MOVIMENTOS POPULARES

Conforme Marcos Arruda (2003, p.36) “educação de jovens e adultos (EJA) é coisa de países pobres ou empobrecidos. Ela existe porque existem excluídos, porque existem crianças cujo direito à educação foi negado pela própria condição de terem que usar sua infância para trabalhar”. O pensamento do autor vem ao encontro de uma realidade secular. Com quase nenhum estudo, os jovens, adultos e idosos das camadas populares ficam sem opção de trabalho e se sujeitam a qualquer tipo de ocupação nas empresas de capital privado.

São presas fáceis de patrões exploradores que quase sempre subtraem os seus direitos por entenderem que poucos serão questionados por uma pessoa leiga e sem informações. Destaca-se também que quando a empresa entra em crise financeira os primeiros a serem demitidos são as pessoas com menos qualificação.

Na verdade, a EJA abre uma possibilidade para a educanda e o educando buscarem formação e conhecimento para lidar com os desafios que o mercado de trabalho lhes impõe no dia a dia. A referência da EJA, porém, passa a ser um conceito abstrato, porque rotula o “analfabeto” como aquele que não sabe ler e escrever. Abstrato, porque o coloca fora de seus contextos, como um ser sem história e sem relações.

Para a vertente da educação tradicional, a melhor proposta é alfabetizar o aluno considerando como um pote vazio de conhecimentos. No dizer do professor Paulo Freire (1977, p.41) nessa ótica “o educando é tomado como um pote vazio a ser cheio pelo professor, pelo livro, pelo saber acumulado, para depois pagar juros cumprindo a função prevista para ele na sociedade, concebida como uma grande máquina”.

Já os movimentos populares têm outra visão acerca do processo de alfabetização dos trabalhadores e, portanto, realiza também a inclusão do idoso no processo educacional. Dessa forma, deixam de defender apenas a educação de jovens e adultos (EJA) e passam a incluir os idosos, o que altera a sigla para EJAII, ou seja, educação de jovens adultos e idosos. Outra coisa é o tratamento que a EJA dá aos seus educandos e educandas, onde a intenção é enchê-los dos conteúdos

do saber socialmente construído, e uma vez alfabetizado, o sujeito contribuirá para o desenvolvimento social da comunidade.

Sob a perspectiva de Arruda (2003), jovens, adultos e idosos são pessoas que já carregam consigo décadas de trabalho e um extenso conhecimento do mundo, infelizmente, foram pessoas preparadas principalmente para o trabalho pesado, ou seja, a mão de obra com força bruta, os famosos e seculares trabalhadores braçais. Nesse contexto estudar está muito distante, e não é pauta principal, sua ocupação não é nem pode ser estudar, mesmo quando se esforçam e participam da EJA.

Então surge o dilema: a solução seria alfabetizar e, em seguida, escolarizar o jovem e o adulto trabalhador? O método seria “colar”, ou talvez gravar como muitos fazem? Sobrepor o conhecimento aos trabalhos que fazem na sua vida diária? Ou o objetivo seria “capacitar” o trabalhador para ele competir com maior chance no mercado de trabalho? Seria treiná-lo em conhecimentos que permitam competir melhor contra outros trabalhadores na busca de emprego? Fazem-se essas perguntas para aqueles que tomam o mercado econômico em vigência como o único possível. Já que é quase impossível fazer diferente, dizem os especialistas e indicadores financeiros, é preciso se adaptar para sobreviver:

Na verdade, o ponto de partida não pode ser o analfabeto abstrato. É preciso partir da realidade do jovem e adulto trabalhador, o fato de que é hoje um trabalhador, lutando para construir um caminho ou para ajudar sua família na tarefa de produzir e reproduzir vida. O ponto de partida é, portanto, o trabalhador concreto – se é homem ou mulher, jovem, maduro ou idoso, sua condição de vida e trabalho, sua história e seu saber acumulado, suas aspirações e seus anseios, seu universo de relações interpessoais, comunitárias e sociais. (ARRUDA, 2003, p.36).

Essa é a proposta do que Paulo Freire chamava de “Educação Libertadora”. Tomando como ponto de partida as condições de vida e trabalho dos educandos, o educador (FREIRE, 1967, p.16) abre um diálogo com eles sobre a questão “para que desejam educar-se”. Fica logo evidente, por suas respostas, que suas aptidões para a educação estão vinculadas não a um desejo abstrato de “saber”, mas são pretensões concretas de como arrumar um trabalho melhor, para ganhar mais e melhorar a vida para si e para a família. Na consciência dos que vivem do seu trabalho, a vinculação entre trabalho e educação faz-se naturalmente, pela própria condição de ser trabalhador.

2.1 EJA: Um compromisso da Sociedade Brasileira

Pode-se destacar que é histórica a participação da sociedade civil brasileira nos temas mais complexos do país. Em muitos momentos o povo é chamado a atuar no exercício da cidadania para garantir alguns direitos constitucionais essenciais para o desenvolvimento da população, que em alguns episódios da história quebraram-se os preceitos da liberdade e da democracia. É com esse legado histórico que a sociedade civil organizada assume o papel de interventor para a elaboração de políticas públicas a serem implantadas no país.

Dentre essas políticas está a luta dos movimentos populares por uma política educacional que contemplem em suas totalidades jovens, adultos e idosos que ficaram fora do processo por muitos séculos, fruto da falta de uma proposta séria de educação para as camadas populares existentes no Brasil. Para isso acontecer seria preciso um levante de toda comunidade escolar que é comprometida com a educação e com o desenvolvimento da sociedade.

Os movimentos populares estão fazendo a sua parte quando procuram mobilizar e organizar a sociedade civil. Esse fenômeno está acontecendo em todo Brasil. Essa mobilização une o país na luta direta contra o estado que não operam de forma eficiente os seus programas de governo, e cria um contingente de expectadores que aguardam o cumprimento das promessas de campanha feitas por políticos.

Como destaca Maria Nayde dos Santos Lima e Argentina Rosas (2006, p. 109):

(...) os movimentos populares como propulsores de uma “nova política” inseparável de uma “nova educação” que só tornará viável em larga escala quando a experiência cotidiana de cada comunidade ou de cada grupo social – em seu trabalho, em seu lazer, em sua relação com o meio ambiente e com outros – se transformar em fonte de participação e, portanto, de conhecimento.

Não esperando as coisas “caírem do céu” os movimentos populares assumem o compromisso de direcionar as políticas emergências da sociedade, com isso ocupam os espaços de debates, oficinas, seminários, palestras, congressos e conferências. Nesses espaços onde o Brasil se encontra são trocadas experiências

diversas onde cada estado explana os seus anseios e dificuldades de direcionar junto aos governantes as políticas voltadas para a educação, entre essas a educação de jovens, adultos e idosos.

Destacam-se no Brasil dois movimentos de suma importância para o desenvolvimento da educação no país, um deles criado por Paulo Freire na década de 80. O MOVA: Movimento de Alfabetização, que reúne em um só lugar educadores e educandos (as) de todo Brasil para discutir os rumos da educação de jovens, adultos e idosos. Esse movimento ocorre de dois em dois anos, e tem um revezamento de estados que acolhem as delegações.

Geralmente o encontro acontece em quatro dias, é um verdadeiro intercâmbio cultural com a qualidade dos debates entre os povos brasileiros que contribuem com os seus conhecimentos e experiências vivenciadas em cada estado. Os trabalhos são divididos em grupos onde os debates enriquecem o encontro que é acompanhado por um corpo de relatores, que na última parte do encontro levam as propostas tiradas dos grupos de trabalho para a plenária final, onde são apresentados alguns destaques separados por temas que foram discutidos nos grupos.

Outro encontro de essencial importância para os movimentos populares é o ENEJAI: Encontro Nacional de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, criado em 1999 e que tem o mesmo formato do MOVA, criado em 1989, mas com a participação do estado como organizador do encontro. A presença da sociedade civil nesses encontros mostra o quanto é importante à participação do popular que se preocupa com a educação daqueles que foram excluídos do processo educacional no país.

Nas cidades de origem dos participantes do encontro há a ineficiência do estado em apresentar propostas que contemplem a demanda extensa de analfabetos e analfabetas, essa atitude por parte do estado força o movimento popular a se organizar em ações diretas dentro das comunidades, despertando nos indivíduos o interesse pela educação.

As entidades da sociedade civil organizada de todo Brasil que trabalham na área de educação popular está organizado em um FORUM EJA, nacional conectados em rede.

No Distrito Federal o movimento popular tem uma responsabilidade muito grande quando se falam dos rumos da educação; ocorre que o restante do país fica aguardando as decisões que são tomadas aqui, por essa razão existem projetos voltados para a educação de jovens, adultos e idosos em quase todas as Regiões Administrativas do Distrito Federal. São projetos coordenados por educadores e educadoras que têm compromisso com o desenvolvimento da população e das cidades.

O CEPACS, Centro de Desenvolvimento Popular e Cultural de Sobradinho, que trabalha vários projetos voltados para as famílias de baixa renda, dando-lhes a oportunidade de participar de atividades culturais e de convivência, é um projeto coordenado por voluntários de diversas áreas de atuação.

Em Ceilândia existe o CEPAFRE, Centro de Educação Paulo Freire, que atua com alfabetização, desenvolve várias atividades culturais na comunidade e também é coordenado por voluntários.

O CEDEP, Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá, também atua com a educação popular e realiza várias atividades de inclusão social na comunidade. O CEDEP tem um histórico de luta pela fixação do Paranoá, e também atua com a educação popular e realiza ações e atividades de inclusão social na comunidade.

2.2 Histórico dos Movimentos Populares no Brasil

A mobilização dos povos e da classe trabalhadora no Brasil foi quase sempre marcada por questões políticas estruturais, principalmente para os homens e mulheres de classe socioeconômico inferior e/ou aqueles com poderes políticos diminuídos. A luta era e sempre será pela sobrevivência.

A ideia fixa criada pelas elites dominantes, desde a ocupação dos portugueses as terras brasileiras em 1500, de que as riquezas não seriam distribuídas em partes iguais para todos, quase sempre criava um mal-estar entre homens e mulheres que eram explorados pela Corte portuguesa e seus herdeiros, visto que esses produziam as riquezas da nação, mas ficavam fora da partilha.

Nesse sentido, as revoltas eram frequentes, pois eclodiam da noite para o dia nas províncias menos estruturadas do Brasil colônia.

No pensamento de Paulo Freire (1978, p. 73)

Os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de... Sempre estiveram dentro de... Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”.

Nesse contexto foi nascendo no Brasil os primeiros movimentos de resistência popular que confrontavam o Império dominante, e as estratégias partiam de diversas localidades das províncias onde a Corte opressora controlava todas as ações, e a única forma de garantir o mínimo de direitos era se rebelando, principalmente depois da assinatura da Lei Áurea (1888).

Tem-se como principal referência o século XIX, onde se destacaram no Brasil vários movimentos de iniciativa popular, protagonizados principalmente por pequenos roceiros, escravos, índios, homens livres excluídos, pobres que não estavam ligados aos senhores de terra, pessoas da cor branca que não tinham direito de usufruir de sua condição de privilegiados, e os trabalhadores que recebiam pequenos salários. Tais populares mostravam seus descontentamentos por toda parte do Brasil.

(...) A experiência do domínio colonial demonstra que, na tentativa de perpetuar a exploração, o colonizador não só cria um perfeito sistema de repressão da vida cultural do povo colonizado, como ainda provoca e desenvolve a alienação cultural da parte da população, quer por meio pretensa assimilação dos indígenas, quer pela criação de um abismo social entre as elites autóctones e as massas populares. (GADOTTI, 1999, p. 208)

No ano de 1835 a revolta da cabanagem que ocorreu no Grão-Pará, norte do Brasil, depois da união desses populares com a elite local sem poder político, chegaram a ter acesso ao comando da província, fato esse que fez com que por um curto período esses populares totalmente desfavorecidos de direitos assumissem historicamente o poder e uma posição de destaque no Brasil. Com essa conquista dos populares excluídos pela elite dominante, a Corte Regente reage violentamente na retomada do poder local, indicando novos governantes e reprimindo o movimento durante os últimos quatro anos, perseguindo e assassinando quase todos os líderes

e milhares de paraenses nativos. Assim foi colocado um ponto final na revolta dos cabanos, no ano de 1840.

Ao mesmo tempo, no Sul do Brasil, acontecia também no atual Rio Grande do Sul a Revolta Farroupilha, revolta que também se desencadeou com a resistência às imposições do governo regencial. Altas taxas dos impostos, as influências dos movimentos de independência da região platina, a importância da economia da província, levou a Sociedade Rio Grandense a unir líderes dos meios de produções locais, populares, revolucionários imigrantes europeus, onde se pode destacar Giuseppe Garibaldi, em busca dos ideais republicanos e federalistas.

No relato de Alencar (1987, p.100) “os farrapos eram todos aqueles que tinham rendimentos baixos: os homens livres e pobres que não estavam ligados aos senhores de terra, os negros libertos, os trabalhadores que recebiam pequenos salários e os escravos (...)”. Enfim a maioria da população da província, que travou inúmeras batalhas em todo Rio Grande do Sul, confrontos que resultaram em um grande número de mortos de ambos os lados.

A guerra durou dez anos, de 1835 a 1845. Após o enfraquecimento e sem alcançar a independência do Rio Grande, os farrapos não tendo alternativa, assinaram um tratado de paz, que garantia muitas conquistas junto ao império, inclusive com anistia geral, principalmente dos populares que participaram intensamente da guerra mesmo como coadjuvantes, foram sujeitos na consolidação do Rio Grande do Sul como força política e econômica integrada ao Brasil.

As revoltas exemplificadas acima, acontecidas nos extremos do Brasil, norte e sul, retratam todo o século XIX e meados do século XX, marcado pelos acontecimentos de vários movimentos de resistências populares, reconhecidos como as camadas livres, mas não proprietárias. No entanto, também existia sofrimento dos populares oprimidos, nos quatro cantos da província brasileira, que tinham as rebeliões como única alternativa que lhes restavam para alterar o quadro social e político do Brasil, que se encontrava totalmente desorganizado com a incompetência do Governo Regencial, seguida pela fragilidade da monarquia de Dom Pedro II e o oportunismo dos aristocratas no início da Primeira República (1889-1930). Períodos estes, extremamente dominados pela elite dos ricos proprietários do Brasil.

A miséria se agravava na fase regencial com a crise econômico-financeira. A população miserável, vivendo em várias partes do Brasil, nada podia esperar de um governo dominado pelos ricos aristocratas rurais. Eram grandes os desníveis sociais. Essa sociedade bipolarizada entre ricos e pobres, entre pessoas livres e escravas, entre brancos e negros, ampliava as possibilidades de revoltas. (SCHNEEBERGER, 2003, p. 195).

Os Movimentos de Resistências Populares, por meio de revoltas, motins, levantes e outros, tiveram quase sempre como protagonistas pessoas desfavorecidas de cidadania que buscava a liberdade acima de tudo, resistiam às imposições e injustiças cometidas pelo estado e seus protegidos. Junto e protagonizando um papel muito importante durante mais de dois séculos, também estiveram os negros escravos, livres ou oriundos de quilombos, os africanos e os crioulos (nascidos no Brasil) estiveram presentes por vários estados brasileiros, em movimentos como Cabanada, Balaiada, Confederação do Equador, Farroupilha, Revolta na Praia, Quebra-quilo, Cortiço, Vintém, etc.

No final do século XIX até meados do século XX, os engenhos são substituídos pelas usinas, chegaram os imigrantes, obrigatoriedade da substituição da mão-de-obra escrava, os republicanos assumem o comando do país, porém as relações pré-capitalistas de produção se conservam: no interior do país, os trabalhadores rurais se tornam meros semi-servos, diante da fragilidade das instituições responsáveis pela ordem, lei e justiça, à ocorrência de grandes injustiças – homicídio de familiares, violências sexuais, roubo de gado, de terras, agravamento da fome, o analfabetismo e a pobreza extrema.

É de se observar que essas mobilizações populares e sociais se deram com maior intensidade no Sul e Nordeste do país, regiões com a maior concentração de populares. Mas não se pode esquecer que no seio do Brasil – Região Centro Oeste, também se travaram lutas contra o regime aristocrático. Como as reivindicações eram diversificadas em Meiaponte, atual Pirenópolis, o povo lutava pela preservação do Rio das Almas, uma luta desigual contra grandes corporações nacionais e internacionais, entre essas, a Mineradora Goyana, que depois do fim do ciclo do ouro em Minas Gerais se transferiu para o estado de Goiás. Kelerson Semerene Costa (2013, p.135) destaca que:

(...) em Meiaponte o índice de analfabetismo no século XIX era muito elevado em todo o país, alcançando 81,44% da população livre. Mas, em Meiaponte, ele era ainda maior, chegando a 89,29%, enquanto os índices da província (84,87%) e de sua capital (80,39%) estavam mais próximos dos números do país. Naquele ano, não havia qualquer sinal de que a

situação seria alterada em curto prazo, pois apenas 8,11% dos meninos e meninas entre 6 e 15 anos de idade frequentavam a escola.

Nesse cenário desfavorável as revoltas populares aumentavam a cada dia, impulsionadas também pelo misticismo, manifestado por meio do fanatismo religioso e pela crise econômica no meio urbano (desemprego, inflação e alto custo de vida), a reforma urbana, surgimento de pequenos quilombos urbanos de escravos expulsos dos centros das cidades.

Podem-se destacar grandes movimentos de resistências como: Guerra do Contestado, Guerra de Canudos, Revolta da Vacina, Revolta da Chibata, Cangaço e outros. O cangaço é considerado como um dos movimentos que se manteve resistente por um longo tempo, tendo como cenário o nordeste brasileiro, foi resistente tanto quanto o movimento dos negros. Além das manifestações por justiça e liberdade, o movimento levou aquelas populações tradições, costumes e culturas até hoje vivenciadas.

Nas décadas finais do século XX, pode-se verificar que o legado dos movimentos de resistências no passado, contribuiu para a democracia do Brasil, levando os governantes na construção dos principais marcos da democracia da velha república, ter atenção aos reclames desses brasileiros que tanto contribuíram e derramaram seu sangue para existência da nação brasileira. Não podendo controlar e até mesmo permitido a organização, o fortalecimento de organismos de participação e controle popular, como direito ao voto, os primeiros sindicatos, as ligas camponesas, os movimentos culturais, de educação, as comunidades eclesiais de base e outros.

Porém, a concretização dos direitos de todos os brasileiros se consolida a partir do início da Nova República, em 1985, data do fim da ditadura militar e início da construção da nova constituição, promulgada em 1988, onde de fato legitimou e fortaleceu o Movimento Social e Popular, como meio de participação para o controle social e de luta para garantia de direitos para toda a sociedade brasileira.

2.3 Campo de Atuação dos Movimentos populares e Sociais

Os movimentos populares e sociais legitimam a participação do sujeito excluído do contexto social e fazem esse manifestar os seus anseios perante o

estado e sua engrenagem sistêmica - burocrática. Historicamente a sociedade civil nunca se negou em participar das lutas travadas contra o estado, seja em defesa da democracia ou da garantia de direitos. Pode-se afirmar que os portugueses não construíram um projeto para povoar o Brasil de forma igualitária, a chegada deles por aqui se deu mais por um acidente de percurso do que por vontade própria de fazer a descoberta de um novo mundo.

Nesse sentido a sociedade civil se fez protagonista em várias batalhas que aconteceram no período colonial, essas batalhas quase sempre foram pela própria sobrevivência e contra um regime escravocrata que desencadeava uma forte revolta entre os índios, negros e populares que não faziam parte da elite imperial.

Freire (1978, p.196) afirma que:

Se as massas populares dominadas, por todas as considerações já feitas, se acham incapazes, num certo momento histórico, atender a sua vocação de ser sujeito, será pela problematização de sua própria opressão, que implica sempre numa forma qualquer de ação, que elas poderão fazê-lo.

Partindo dessa premissa, o que se pode fazer é instigar os populares a aderirem em parte ou em sua totalidade às ações mais estratégicas de mobilizações para se chegar ao objetivo principal, que é mostrar para o estado a sua revolta, pois são quase irreparáveis os estragos, resultantes de uma política de inoperância que ficam mais evidenciados nas camadas menos favorecida de uma sociedade dominada pelo poder do capitalismo. Mas também de apresentar saídas e soluções para os problemas vivenciados.

Com esse cenário de complexidade e incertezas, os populares assumem o seu papel de agente transformador da história em seus agrupamentos e organizações populares, com isso ocupa uma pequena parcela no cenário político e social, e mostra para a base popular a diferença entre o estado operante e o estado inoperante. Dessa forma os movimentos sociais e populares vêm se constituindo e ocupando espaços no passar dos séculos.

O processo de colonização das terras conquistadas pelos portugueses na América teve um caráter conflituoso desde o século XVI. Embora o primeiro encontro entre conquistadores e nativos tenha sido pacífico, as tentativas posteriores de escravização dos indígenas provocaram tensões que não raras vezes explodiam em conflitos armados. A isso se somou escravização de africanos, que introduziu na colônia novos elementos de tensão étnica e social. (JOBSON; PILLETI, 2007, p.347)

Nesse sentido a composição do movimento popular se baseia na atuação que as organizações desempenham em todos os espaços de luta da coletividade. Por este motivo, o movimento popular se constituiu em grupos e organizações da sociedade civil organizada que atuando em várias frentes reivindicam para a comunidade alguns equipamentos públicos e de uso coletivo.

De acordo com Alencar (1987, p.87):

Ideologicamente o movimento popular é contra as classes dominantes e burguesas e pressupõe um caráter de classe social com um papel específico dentro da comunidade, onde seus integrantes procuram manter uma postura de fiscalizador das ações do estado dentro da esfera municipal, estadual e federal.

Destaca-se que o movimento popular luta por garantias de direitos legalmente constituídos. Essas garantias podem ser transformadas em políticas públicas permanentes, e de uso coletivo. Entende-se que a questão central do movimento popular é basicamente construir um novo formato de atuação das organizações da sociedade civil organizada que luta por melhorias de vida da população, e contra o controle ideológico das classes dominantes.

Portanto é nos espaços de luta da sociedade civil organizada que se consolida o papel do agente popular, que é específico para cada tipo de movimento, e com o passar do tempo esses vão firmando a sua identidade dentro da comunidade, que passa a ter como referência quando se compromete com a causa apontando as vacâncias sociais deixadas pelo estado.

Já os movimentos sociais legalmente constituídos têm outro formato de atuação, pois esses buscam em sua essência um espaço mais amplo nas lutas por garantias de direitos em várias frentes. Tem-se como exemplo o movimento estudantil, que embora não seja considerado por muitos um movimento social, devido à origem das pessoas envolvidas que na maioria pertenciam à chamada classe dos pequenos burgueses, é um movimento com característica social e de mobilização da massa escolarizada, ou em processo de escolarização. É a pura expressão política das ações que permeiam o sistema dependente em sua totalidade e não simplesmente fundamentada em um posicionamento ideológico de uma classe ou visão de mundo.

Esse exemplo demonstra que na onda do movimento estudantil vieram outros movimentos de classes sociais, que se destacaram pelo volume de pessoas que

levavam às praças públicas do Brasil, destacam-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Esse movimento desencadeou-se no começo da década de 80 e pressionou vários governos a fazer a tão sonhada reforma agrária ainda em curso no Brasil que contemplasse realmente aqueles trabalhadores e trabalhadoras que necessitavam de terra para desenvolver a agricultura no campo. É de se destacar que essa luta é muito desigual, pois o poder de latifúndio se sobrepõe a força do trabalhador que é a parte fraca da história, portanto a reforma agrária no Brasil anda a passos lentos, e pouco se avançou no século passado e no que se inicia.

Segundo Tomazi (2000, p.232) a forma de organização de um movimento tem consequências importantes com relação a sua dinâmica interna e externa. Internamente, observa-se que uma organização sem a devida hierarquia entre liderança e base pode favorecer certo espontaneísmo das ações, o que levaria à falta de controle do movimento.

Outro movimento que vem ganhando espaço, por sua complexidade é o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) que teve o seu surgimento em 1997 em virtude da necessidade de organizar no Brasil a reforma urbana e garantir moradia a todos os trabalhadores e trabalhadoras da cidade, esse movimento tem características sociais com seu surgimento no campo e nas grandes metrópoles.

Volta-se ao MST, José Murilo de Carvalho (2013, p.205) destaca que: “O MST é o melhor exemplo de um grupo que, utilizando-se do direito de organização, força sua entrada na arena política, contribuindo assim para a democratização do sistema”.

Dessa forma se pode afirmar que os movimentos sociais e populares citados nas linhas anteriores e outros mais, empurram as portas cerradas do estado mostrando a importância da mobilização da sociedade civil organizada, ou não organizada, que em certas circunstâncias dedicam parte de seu tempo para fazer o levante das problemáticas que afligem a população das camadas populares nos grandes centros do país. Com esse cenário de desfavorecimento procura-se dar certo destaque às demandas emergências, que na sua maioria acontecem por pura incompetência do Estado, que não cumpre o papel de direcionar as políticas públicas para o desenvolvimento qualitativo das classes populares.

3 O MÉTODO DE PAULO FREIRE E A CASA DE PAULO FREIRE, EM SÃO SEBASTIÃO - DF

3.1 Breves considerações sobre o método de Paulo Freire

Conforme o Próprio Paulo Freire relata (1992), em 1947, trabalhando no SESI e, já preocupado com a relação família-escola, este educador procurava entender as práticas educativas aplicadas nas escolas e por parte das famílias. Começou a analisar as dificuldades que as populações que viviam às margens da sociedade capitalista estavam enfrentando para exercer a sua atividade educativa. Seu objetivo era buscar um entendimento entre as partes, para tentar, na mutualidade, intensificar uma maior presença das famílias nas escolas; seriam uma participação democrática onde os pais e mães colocariam os seus pontos de vista nas políticas educacionais vividas nas escolas.

Na época, a equipe liderada por Paulo Freire entrevistou mais de mil famílias de alunos, distribuídas entre área urbana e rural do Recife, Zona da Mata e o sertão pernambucano, onde o SESI tinha núcleos que prestavam serviços a seus associados e famílias.

A pesquisa tinha por finalidade entender as relações entre pais e filhos. A questão dos castigos, dos prêmios, as mais variadas formas de castigar, os seus motivos mais frequentes, a reação das crianças ao serem castigadas, sua mudança de comportamento ou não, em relação à quem os castigavam.

Apurados os resultados, deparou-se com uma realidade que já esperavam: os pais e mães davam muita ênfase aos castigos físicos, realmente violentos, tanto na área urbana do Recife, quanto na Zona da Mata, no agreste e sertão. As áreas pesqueiras eram tidas como as mais violentas; parecia que nessas áreas o espírito de liberdade só permanecia meramente nas estórias de pescadores que pegavam suas precárias jangadas e se lançavam ao mar. As lendas sobre a liberdade individual não coincidiam com as ações truculentas de pais e mães contra seus filhos.

Na verdade, os pescadores viviam uma grande contradição. De um lado se sentiam homens livres e corajosos, enfrentavam o mar e seus mistérios, fazendo o que mais gostavam: pescar. Para eles, aquela atividade era uma ciência, pois sabiam fazer a leitura da lua, do sol, da natureza. Só não sabiam ler a esperteza dos atravessadores que compravam o resultado de seu incansável esforço a preço de banana. Quando algum pescador questionava tamanha injustiça, a resposta estava na ponta da língua “nós entramos com a estrutura de pesca e vocês com a mão de obra”. Essa prática é comum em várias regiões do País, principalmente onde estão localizados os bolsões de pobreza. Quando era perguntado o porquê de seus filhos e filhas faltarem tanto às aulas, alunos e pais, separadamente, respondiam: “porque somos livres”, e os pais “porque são livres”.

Os castigos variavam nas demais áreas; era comum amarrarem crianças em troncos de árvores, prendê-las em quartos por horas, dar-lhes “bolos” com palmatórias, pô-las de joelhos sobre caroços de milho num canto da casa, ou da sala de aula, colocar orelhas de burro e forçando o aluno pronunciar para toda classe que realmente se sentia um burro por não aprender e em casa surrá-las com correia de couro. Este último castigo era comum quando os filhos desobedeciam a seus pais que tinham total autoridade sobre sua prole. Sobre essa questão (Freire, 1992, p. 22) destaca que: “Por motivos triviais se aplicavam estes castigos e se dizia frequentes aos assistentes de pesquisa: castigo duro é que faz gente dura, capaz de enfrentar a crueza da vida. Pancada é que faz homem macho”.

Uma das preocupações da época, que vale também para os dias atuais, era fazer a leitura da relação pais-filhos e da relação professor-aluno. Na primeira, ficou explicitado que o entendimento não prevalecia, o autoritarismo dos pais e mães e a ação violenta ditavam as regras. Na escola não era diferente. O frágil processo de aprendizagem sobre a democracia não permitia uma melhor relação entre professor-aluno, onde se deixava florescer a ideia do autoritarismo disciplinador. Professores conservadores que ensinavam usando métodos tradicionais, onde decorar era mais interessante do que aprender.

Nesse trabalho de pesquisa, Freire reconheceu a importância do voluntarismo, uma espécie de idealismo brigão, onde correr riscos era o que menos importava: estavam ali para entender a realidade do indivíduo, sujeitos que agonizavam em estruturas sociais arcaicas, onde as políticas públicas para a

educação tardavam em chegar. Essas concepções da história e dos seres humanos negam definitivamente o papel da educação:

No que diz respeito às relações autoridades-liberdade, o tema da pesquisa referida, corremos também o risco de, negando à liberdade o direito de afirmar-se, exacerbar a autoridade ou, atrofiando esta, hipertrofiar aquela. Em outras palavras, corremos o risco de cair seduzidos ou pela tirania da liberdade ou pela tirania da autoridade, trabalhando, em qualquer das hipóteses, contra a nossa incipiente democracia (FREIRE, 1992, p.23).

Nesse contexto, defendeu uma escola pública eficiente, uma escola democrática de formação permanente de seus professores e professoras que também podia incluir os vigias, merendeiras, eletricitas e zeladores. Escola de formação permanente de seu corpo docente, onde reinasse o espírito da mutualidade e da solidariedade, a liberdade como prática educativa, a democracia substituindo as posturas autoritárias dos que conduzem a educação brasileira. Assim as relações pais-filhos, professor-aluno direciona as novas perspectivas de futuro. Esta foi uma das tarefas a que Freire dedicou por inteiro e, a partir dali, fez uma releitura da educação nas camadas populares.

De acordo com Freire (1967), o movimento de educação foi uma das variadas formas de mobilização sociais adotadas no Brasil. Desde a grande participação da população através do voto, quase sempre manipulada pelos líderes conservadores e populistas, até o nascimento dos movimentos de cultura popular organizada pela União Nacional dos Estudantes (UNE), registram-se diversos mecanismos de intervenção política, sociais ou culturais de mobilização e conscientização das massas. Neste contexto, caberia destacar o esforço realizado na linha de uma ampliação dos sindicatos rural e urbano, iniciado por Almino Afonso quando foi Ministro do Trabalho e que teve continuidade na gestão seguinte. Durante 12 meses criou cerca de 1.300 sindicatos rurais.

Sobre o período acima Freire (1992) destaca a importância deste trabalho quando aconteceram as grandes greves de trabalhadores rurais no estado de Pernambuco, a primeira com a participação de 85.000 grevistas e a segunda com 230.000. Por outro lado, a SUPRA (Superintendência da Reforma Agrária), não obstante seu curto período de funcionamento, pôde iniciar um trabalho de mobilização das classes populares do campo à defesa de seus interesses, com uma grande repercussão política.

Essa mobilização foi feita no último período do governo de João Goulart (1961-1964) e começava a colocar parte da elite em contato direto com o povo; apenas sugeria a necessidade de se organizar as massas populares para a ação, quando ocorreu a queda do regime populista que o havia possibilitado uma aproximação com os movimentos sindicais rurais e sua classe de trabalhadores e trabalhadoras que até então não tinham nenhuma representatividade.

Ficou nessa etapa a difusão dos princípios e não conseguiu passar adiante as práticas de alcance das políticas gerais que foram reduzidas à criação de uma “atmosfera ideológica”, pois não tiveram competência para criar uma verdadeira ideologia de ação popular de base mais ampliada. Mas foi o suficiente para aterrorizar a direita conservadora que sugeriu a necessidade de um golpe militar, insuficiente, no entanto para tirar-lhe o poder dos trabalhistas liderados por João Goulart. É de se perceber que ao longo da história política do Brasil, toda vez que se coloca as camadas populares (pobre) na agenda positiva do estado acontece uma reação das elites conservadoras, foi assim com os presidentes Getúlio Vargas no Governo Provisório (1930-1933); Governo Constitucional (1934-1937); Estado Novo (1937-1945); 2º mandato presidencial (1950-1954); João Goulart (1961-1964); Lula (2003-2011); e a história se repetira com a presidenta Dilma Rousseff (2011-2016).

Na realidade, toda aquela mobilização serviu para acordar as massas populares que passaram, naquele momento, a pressionar as estruturas do Estado, o que tinha uma indiscutível relevância política. Encontravam-se de forma direta ou indireta envolvida com o governo e, através dele, com as instituições existentes que a própria pressão popular ameaçava. “Este equívoco histórico, uma das características mais importantes de todo este período, não pode deixar de ser assinalado quando buscamos compreender o sentido do movimento educacional brasileiro” (FREIRE, 1967, p. 18).

O comprometimento de Paulo Freire com o trabalho voltado para as camadas populares é bastante claro. Em 1962, no Nordeste – a região mais pobre do Brasil – já existiam cerca de 15 milhões de analfabetos para uma população de 25 milhões de habitantes. Neste começo, o grupo de educadores liderados por Paulo Freire fizera a mais bem sucedida experiência de Alfabetização de jovens, adultos e idosos no Nordeste brasileiro, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte. Os resultados

foram fantásticos: 300 trabalhadores rurais e populares alfabetizados em 45 dias impressionaram profundamente a opinião pública.

Mas antes de entrar diretamente no resultado de Angicos, é preciso entender que não se pode falar de educação de jovens, adultos e idosos, sem lembrar-se daquele que dedicou toda sua vida em prol dos marginalizados da educação em nosso país e no mundo. Como nasceu o método? Paulo Freire é um ícone da luta das camadas populares e sociais, um defensor da igualdade de direitos para as minorias e podem-se dizer, sobretudo, para diminuir as incertezas, as dúvidas, os enganos, e os mal entendidos sobre a contribuição desse brasileiro do Nordeste do país na educação no Brasil e no mundo, é só procurar entender a proposta metodológica de Paulo Freire, separar o seu método da sua teoria como um todo.

A proposta freireana não é justificada por si só, está contida em sua teoria de conhecimento. Nesse contexto deve-se enfatizar que a proposta de Paulo Freire foi construída passo a passo, buscando entender as diretrizes da educação de jovens, adultos e idosos, e sempre procurando entender o processo cognitivo que é eminentemente voltada para as questões essenciais na construção do ser como um todo, política, ética, humanista e democrática, porque o seu maior desafio era despertar nas camadas populares o seu direito de participar da sociedade não só como mais um, mas como um sujeito de direitos, e nisso atingir o nível de consciência crítica, demanda de quem faz a educação conscientizadora e libertadora que começa em ler a palavra lendo o mundo.

Assim desvinculamos a teoria e a compreensão de educação do método, como se qualquer uma dessas partes pudesse se sustentar uma sem a outra. Com isso a proposta freireana de alfabetizar tem como intenção maior proporcionar aos esquecidos da política de educação a oportunidade de sair da situação de ser menos para uma situação de ser mais, ao permitir que aqueles que tiveram negado o acesso à escola resgatem a sua dignidade perdida durante anos de incompetência daqueles que deveriam cuidar das pessoas, dando-lhes o direito de ter acesso ao mundo conhecimento.

Em última instância, “produzir os analfabetos/as” é arrancar-lhes a voz da participação, da cidadania e da vida social com dignidade. Ao analfabeto/a rouba-se o direito de biografarem-se, isto é, de serem sujeitos que podem ter suas histórias de vida como seres sujeitos da história, a partir de suas participações efetivamente concretizadas. A alfabetização conscientizadora possibilita aos indivíduos se constituírem como sujeitos e não ficarem

eternamente só como objetos da incidência dos que sabem, podem, exploram, mandam e os submetem. (FREIRE.1978, p.232).

Com essa proposta de humanização de homens e de mulheres, levando até eles a base da teoria do conhecimento, Paulo Freire propõe muito mais do que fazer um método de alfabetização fugindo do modelo tradicional existente que limita os educandos e educandas a fazerem decoração de letras e sílabas e juntá-las para formar pequenas palavras, ele ia mais além, defendia que todos os seres humanos independentemente de cor, religião, raça, etnia e sexo, pudessem ser sujeitos de sua própria história. Gente que possa escrever e ler, interpretar e fazer as quatro operações, gente que tenha direito à moradia, trabalho, saúde e segurança, e o direito mais sagrado que é o direito de estudar em uma escola de qualidade, e com o resultado da escolarização das pessoas das camadas populares, esses ajudarem na transformação dos espaços onde estão inseridos e com o juntar dessas ações terem uma sociedade menos desigual.

Considera-se oportuno fazer um aprofundamento do método, fazendo o levantamento das concepções de como Paulo Freire entendia o seu cotidiano e o cotidiano das pessoas que viviam nas camadas populares. Fazia parte de sua rotina pesquisar nos livros o comportamento daqueles que vivia à margem de uma sociedade capitalista, os “esfarrapados do mundo”. Mas Paulo Freire era uma pessoa inquieta quando se tratava de analisar a rotina dos trabalhadores e trabalhadoras. Ele achava mais interessante estar de corpo presente nas ações dentro das comunidades desprovidas de políticas públicas essenciais para o seu desenvolvimento humano. Como destaca Ana Maria Araújo Freire (2006, p.335):

Na sua teoria, Paulo Freire partiu do pragmático, do óbvio que se repetia ingenuamente, magicamente por parte da população brasileira, e deu sentido a esse cotidiano não referendando o eterno repetir quase tão-somente da esfera animal em que muitas vezes viviam; partindo dele como fonte inesgotável de temas a discutir restaurou a fonte criadora que cotidianamente possibilita como ponto de partida para a reflexão crítica. (FREIRE, 2006, p.335)

Assim, ele partiu do cotidiano, do dito, do feito, e do entendimento no mundo e na rotina dos oprimidos, e a relação dialética com o do opressor fixou nele suas bases teóricas para tirar o sentido de sua luta junto aos populares, nesse contexto deu oportunidade para um grande número de pessoas se beneficiarem de sua compreensão da educação essencialmente política, ética e humana.

A metodologia de Paulo Freire surgiu quando seu filho Lutgardes, com dois anos de vida, fez a leitura da palavra NESCAU, associou a imagem com pronúncia que viu na propaganda da televisão com a palavra escrita em um painel de propaganda na rua, do alimento que ele conhecia muito bem, pois consumia diariamente.

“O menino cantarolou a música do anúncio ao ver a placa na rua e repetia Nescau... Nescau... (Nescau)”. Paulo Freire refletiu muito com o ocorrido, trancou-se em sua sala de estudos e começou suas reflexões- como sempre fez durante toda sua vida, pois a sua teoria surgiu da necessidade de fazer reflexão e de pensar a coisa acontecendo na prática, o óbvio, o cotidiano, e destacava que o ser humano tem uma capacidade imensurável de observar, e de escutar. O nascimento do tema gerador foi pedagogicamente a maior descoberta do século XX. Como destaca Ana Maria Freire (2006, p.337):

A intuição de Paulo Freire de que aquele momento não era apenas “uma sabedoria de um menino muito curioso” levou-o a reflexão sobre a lógica do fato. Assim, a partir dessa ideia, criou um caminho cognitivo-epistemológico – o chamado “Método Paulo Freire de Alfabetização”.

Paulo Freire testou pela primeira vez o seu método com a então empregada doméstica de sua casa, Maria Gonçalves da Silva, que era carinhosamente chamada por toda família de mãe. “Mãe” era uma mulher muito inteligente que na ocasião tinha em torno de cinquenta anos de idade. Mãe nasceu em uma época em que as mulheres, mesmo de família mais abastadas, poucas delas tinham o direito de ingressar no mundo do conhecimento, de estar na escola.

Então se compreende agora que para chegar a tão bem sucedida experiência de Angicos, Paulo Freire precisou de um tempo para aprimorar a sua tão brilhante descoberta e como o próprio Paulo Freire relata (1967), o governo de João Goulart, percebendo o sucesso do projeto, convidou-o para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), usando o seu método. A ideia era montar 20 mil círculos de cultura em todo Brasil. Assim, entre junho de 1963 e março de 1964, foram feitas capacitações dos coordenadores dos círculos de cultura em quase todas as capitais dos estados; só no Estado da Guanabara se inscreveram quase 6.000 pessoas.

O curso de capacitação atingiu milhares de pessoas que se colocaram à disposição do estado, queriam dar a sua cota de colaboração no combate ao analfabetismo.

O audacioso plano pretendia alfabetizar, só em 1964, dois milhões de pessoas. Cada círculo teria 30 alunos, com duração de 03 meses para cada curso “Tinha início assim uma campanha de alfabetização em escala nacional que envolvia, nas primeiras etapas, os setores urbanos, e deveria estender-se imediatamente depois aos setores rurais” (FREIRE, 1967, p.19).

A América Latina, nesse período, viveu diversos golpes de Estado e, no caso brasileiro, a proposta de alfabetização realizada por Paulo Freire foi considerada pelas elites econômicas uma ameaça para o país. Assim, o golpe civil- militar de 01 de abril de 1964 interrompeu um sonho de milhares de brasileiras e brasileiros que tinham a esperança de sentirem-se incluídos na sociedade. Paulo Freire foi preso, exilado, arrancado de sua pátria. “Preferiram me acusar por ideias que não professara a atacar esse movimento de democratização cultural, pois percebiam em mim o gérmen da revolta” (FREIRE, 1967, p. 19).

A importância da contribuição de Paulo Freire no cenário educacional do Brasil é indiscutível. O educador, preocupado com o grave problema de analfabetismo, sempre se dirigiu às massas populares que muitos consideravam fora do contexto histórico, procurando incluí-las pela educação. O educador esteve a serviço da conscientização e libertação de homens e mulheres. Por isso será sempre lembrado por estudiosos e pesquisadores que acreditam na educação como principal ferramenta de inclusão social.

3.2 Casa de Paulo Freire - da utopia a realidade

Não se questiona que Freire é um cidadão do mundo, não se questiona que também foi à figura mais notória do século XX quando escreveu o seu “BestSeller” *Pedagogia do Oprimido*. As andanças pelo mundo falando de sua obra e aplicando na prática em outros países a pedagogia da libertação dos corações e mentes o fez entrar no seleto grupo dos maiores pensadores do mundo. Depois de ser expulso de sua pátria em 1964, Freire saiu pelo mundo apresentando sua genial descoberta, talvez nem imaginasse que essa sua inquietude pedagógica transformaria a vida daqueles que sabiamente chamava de “esfarrapados do mundo”, sujeitos simples

que vendiam sua força de trabalho nos latifúndios da terra sem saber ler uma simples palavra.

Como enfatiza Paulo Freire (1997, p. 9):

Em sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traz sua colaboração.

Em contato com outras nações Freire fez o experimento de sua obra para as classes populares e foi no Chile (1968) que começou escrever uma pedagogia que libertasse o oprimido das garras do opressor e da sua engrenagem produtiva do capitalismo excludente. Mas foi somente nos Estados Unidos da América (1972) que foi publicado pela primeira vez a sua obra. Foi também no Chile em 64 que montou o primeiro círculo de cultura fora do Brasil, trabalhou com os camponeses que tinham gana em aprender transformar as letras com a mesma habilidade e competência com que transformavam a terra para o cultivo.

Nas décadas de 60 e 70 aconteceu na América Latina uma onda de golpes de estado e o Chile, que tão bem o acolheu, também não foi poupado, não restando a Freire outra alternativa a não ser deixar aquele país amigo e partir para os EUA que o acolheu como cidadão americano. A América do Norte foi o porto seguro para o professor sair pelo mundo como um verdadeiro andarilho da utopia falando da sua pedagogia para alfabetizar as classes populares.

No continente africano visitou vários países, principalmente os de língua portuguesa como Guiné Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Também esteve no Quênia, e no Timor Leste, continente Asiático. Com esse pequeno breve histórico sobre a vida de Freire, se pode afirmar que ele não tinha morada fixa, a sua morada era o mundo, por isso é conhecido e se auto proclamava um “cidadão” do mundo.

Ao partir pelo mundo sonhando sonhos possíveis, Freire deixou em cada canto que passou uma legião de seguidores, sujeitos que impressionados com a sua pedagogia libertária não hesitou em pôr em prática os ensinamentos do mestre das classes populares, dos marginalizados socialmente. É pra se destacar que hoje existem espalhados pelo mundo mais de 90 núcleos de pesquisas e estudos que levam o nome de Paulo Freire, os IPF's – Institutos Paulo Freire.

No Brasil, sua pátria, não foi diferente. Os movimentos populares e sociais que defendiam a educação dos excluídos da cidade e do campo se fizeram protagonistas por insistir na teimosia de Freire, ocupando espaços estratégicos na sociedade para falar de educação para a inclusão social. Pode-se pegar como modelo o MST (Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) do Rio Grande do Sul que em seus acampamentos-escola utiliza o método de Freire na alfabetização dos camponeses e de seus filhos e filhas.

Como destaca Maria da Glória Gohn (2005, p.12):

A educação para a cidadania não faria parte do universo da classe trabalhadora porque ela não seria cidadã. A igualdade natural, inata entre os homens, seria desfeita no plano da sociedade real, pela desigualdade entre cidadão-proprietário e o não-cidadão e não proprietário.

Foi partindo desse pressuposto que as classes populares assumiram a responsabilidade de fazer a alfabetização de pessoas excluídas, por entenderem que uma parcela da população, que alguns estudiosos chamam de demanda reprimida, ficou fora do universo escolar por muito tempo. Assim surgiu a figura do educador popular, pessoas que vivem a realidade de sua gente, pessoas que estão envolvidas com gente e compreendem suas angústias, os seus anseios, e as suas necessidades. Esses educadores populares, homens e mulheres que em sua maioria tem o ensino médio, se organizam como podem participando dos movimentos organizados da sociedade que faz a discussão da temática em questão.

Essas atividades são chamadas de “encontros de formação de atores” que serão multiplicadores de ideias na comunidade em que vive. E foi em um desses encontros que em 1996, um ano antes da morte de Freire (02 de Maio de 1997), que nasceu, em São Sebastião - DF, a morada do mestre da pedagogia do oprimido: a CASA DE PAULO FREIRE. Essa instituição, criada pelo movimento popular, acolhe pessoas não alfabetizadas da comunidade e adotou como filosofia de não excluir ninguém do processo educativo todos que procuram o projeto são devidamente acolhidos.

O relato a seguir confunde-se com um relato de minha trajetória pessoal, uma vez que a história da Casa de Paulo Freire é também a história de uma inserção pessoal no projeto.

O que tinha a oferecer era muito pouco, mas tinha o principal, a vontade de ensinar. O grande desafio é que nunca tinha sido professor antes, nunca havia enfrentado uma turma antes.

Transformei, então, a garagem da casa em sala de aula. Nossa estrutura era: vinte mesas, vinte cadeiras, um quadro de compensado usado, giz e muita coragem. Estando com a estrutura montada, fui à busca dos alunos. Esse trabalho foi realizado nos finais de semana, porque a maioria sai cedo para trabalhar, e eu também! O trabalho de campo ou captação de alunos é feito de casa em casa; quase sempre procuro as localidades que vivem em situação de risco, ou seja, na precariedade.

Na abordagem, precisa-se ser estratégico. O educando e a educanda possuem resistências para não estudar, quase sempre têm uma desculpa, e o entrevistador precisa ter o poder do convencimento. Também tive a oportunidade de perceber que a maioria das pessoas que mais se recusavam a se inscrever no projeto de alfabetização eram afro-brasileiras. Isso me fez por várias vezes refletir o tamanho do desafio que encontraria pela frente.

Comecei a turma com apenas três alunos, já que vinte e dois dos vinte e cinco que convidei não compareceram: embora sonhasse com a garagem cheia, me senti contemplado com a presença dos três alunos.

Havia colocado vinte e cinco cadeiras em forma de círculo. Recordo-me que os educandos (as) que compareceram sentaram separados um do outro; o mais interessante é que eram três homens, pois nenhuma mulher compareceu no primeiro dia de aula. Por esse motivo, o Adilson, o João e o Geraldo ficarão para sempre na memória viva da Casa de Paulo Freire.

A proposta libertadora de educação defendida por Paulo Freire não permite que os alunos fiquem “cheirando a nuca” uns dos outros como é no modelo tradicional. As cadeiras são colocadas em forma de círculo e o professor é, na verdade, um animador de círculo, um facilitador do processo educacional. A aprendizagem adquire uma característica mais centrada no aluno, na independência e na auto-gestão da aprendizagem. Pessoas aprendem o que realmente precisam saber para aplicação prática na vida.

A experiência é rica fonte de aprendizagem, através da discussão e da solução de problemas; por isso usa-se a “palavra geradora”, que consiste em uma palavra extraída do universo vocabular dos alunos e que dá um norte para se abrir uma discussão no círculo de cultura que é chamada de problematização. Essa discussão é o início da conscientização do aluno, que é intermediada pelo animador de círculo, esses absorvem as informações que surgem no debate do tema em questão. São exemplos de palavras geradoras, LOTE, JOGO, COMIDA, PASSAGEM, VIZINHO, LIXO, TRABALHO, SEGURANÇA, ESCOLA etc. Todas fazem parte da realidade do aluno. Em seguida a palavra geradora é separada em sílabas, como ESCOLA – AS. ES. IS. OS. US – CA. CO. CU – LA. LE. LI. LO. LU, sem seguir o método tradicional de estudo sequencial do alfabeto. Com o estudo das sílabas da palavra geradora, são formadas outras palavras. Exemplo: ISCA, CALO, COLA, ESCALA, CUCA, etc.

O aluno tem, portanto, a oportunidade de ver a mesma sílaba em outras palavras geradoras, o que facilita a sua memorização e aprendizagem, dando segurança para desenvolver a oralidade e a escrita. Para facilitar, a palavra geradora vem acompanhada de ilustrações, de modo que o aluno perceba na imagem o que vai ser estudado. Para a primeira aula, escolhi a palavra “ESCOLA” porque era preciso passar para eles a sua importância.

A continuidade dessa interação professor-aluno, no entanto, não foi fácil. Fiz várias tentativas para motivá-los, mas percebi um silêncio profundo e persistente por parte deles. Sabia que, apesar da resistência, tinha que continuar para me sentir seguro e alimentar a segurança deles. Notei, então, que o Adilson, de cabeça baixa, tentava rabiscar algumas palavras formadas, o que já era um bom sinal. Outro fato que me chamou atenção foi que, no decorrer da aula, várias pessoas que foram convidadas passaram em frente a casa, viram os três alunos, mas por alguma razão decidiram não entrar.

Quando a primeira aula terminou, agradei a presença deles e pedi para retornarem na aula seguinte. Fiquei com a sensação de que eles não voltariam, mas, para a minha surpresa, eles não só voltaram, como trouxeram consigo mais alunos.

E assim a Casa de Paulo Freire foi construindo sua história. Hoje, mais de três mil pessoas foram alfabetizadas e vários ex-alunos deram sequência nos

estudos; alguns já terminaram e outros estão fazendo curso superior, outros voltaram para o estado de origem e começaram ensinar sua gente. De vez em quando recebo mensagens de agradecimento pela iniciativa: esse é o combustível para continuar a luta contra o analfabetismo. Sei que o desafio é grande porque na cidade de São Sebastião-DF ainda há 2,6% de pessoas não alfabetizadas e que resistem muito em aceitar a ideia de estudar (SEDEST 2013).

A Casa de Paulo Freire já recebeu e recebe vários visitantes. São populares, professores, alunos estagiários, amigos e alguns facilitadores. Outros projetos estão sendo desenhados, como um preparatório para o vestibular, que propõe que o aluno, depois de concluir o ensino médio, retorne à Casa de Paulo Freire para receber um reforço nas matérias que mais encontraram dificuldades. No momento, estamos trabalhando com três matérias específicas: Física, Matemática e Química.

Fazemos, também, vários eventos voltados para a cultura, porque acreditamos no potencial de nossa gente. Um dia Paulo Freire também acreditou criando o MCP (Movimento de Cultura Popular), e nos deixou o exemplo de que precisamos lutar para tornar a nossa sociedade mais desenvolvida culturalmente.

Nessas duas décadas de projeto, já que estamos funcionando desde 1996, muita coisa aconteceu na garagem da casa. Foram muitos os relatos de gente que veio construir a Nova Capital, gente que fugiu da seca, gente que deixou a escola porque precisava trabalhar para sustentar a família. Pessoas que chegaram sem perspectiva alguma e saíram transformadas pelo simples gesto de estudar. Chegaram à Casa de Paulo Freire, e alimentaram os sonhos de construir um mundo melhor.

A proposta de Freire tem o encantamento de aproximar pessoas através do diálogo que, mediatizados pela experiência de mundo que o sujeito construiu durante a sua trajetória de vida, possibilita a relação dialética entre educando-educador. Nesse sentido o professor muito mais facilita a vida do educando (a) norteando o seu desenvolvimento na aprendizagem do que propriamente ensinando teorias às vezes desnecessárias para o aluno que tem pressa em aprender para colocar em prática aquilo que aprendeu em mutualidade em sala de aula. A Casa de Paulo Freire não foge da proposta de ensinar colocando como enfoque a criticidade do aluno que precisa fazer um despertar para o seu processo de inclusão por inteiro

e não em partes, e que possa entrar de cabeça erguida no mundo do conhecimento literário, e depois na sociedade.

Como destaca o próprio Paulo Freire (1996, p.24):

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

Partindo desse pressuposto se pode afirmar que a alfabetização que se aplica na Casa de Paulo Freire vem ao encontro da realidade em que vivem os excluídos do processo de escolarização. Assim, a educação de jovens, adultos e idosos passa a ser um desafio ainda maior, pois o primeiro desafio do educador e da educadora é fazer com que o sujeito possa aderir à nova realidade a que está sendo submetido, e vai mais além quando é sabido que a grande maioria que participa desse processo não está ali porque reconhece que há uma dívida secular do estado com esses analfabetos e analfabetas e que na verdade foram condicionados a serem analfabetos, não tendo sido uma opção que fizeram.

Nesse contexto os educadores e educadoras que atuam na Casa de Paulo Freire são preparados para assumir uma posição pedagógica diferenciada, onde o professor deixa de ser o centro das atenções e passa a focar de forma mais direta no aluno que alimenta a esperança de aprender a ler e escrever em um pequeno espaço de tempo. Essa ansiedade é perceptível quando o educando (a) se sente ameaçado no seu ambiente de trabalho com a perda do emprego, ou também quando vai disputar uma vaga no mercado de trabalho que deixa transparecer para o entrevistador que se trata de um candidato não alfabetizado, esses exemplos práticos aparecem na rotina do seu dia a dia no projeto.

Para uma pessoa não alfabetizada procurar uma escola para se alfabetizar é um desafio árduo. Na sua avaliação tanto faz está estudando ou não, pois acredita que nunca vai faltar atividade braçal para desempenhar e faz resistência, isso quer dizer que ganham a vida com a força que vem dos músculos e não da cabeça, são opiniões tanto de homens quanto de mulheres. Por um lado, pode-se até ter razão, mas por outro esquecem que a parte intelectual é necessária na hora de se fazer cumprir as suas garantias trabalhistas, aí pensam melhor e a maioria faz a adesão e entra no projeto de alfabetização.

Na Casa de Paulo Freire trabalham-se as inter-relações usando o “círculo de cultura”, que é o formato ideal para se fazer uma discussão das temáticas construídas da relação professor-aluno. Os temas, ou palavras geradoras, facilitam a discussão em círculo. Cabe ao professor ator intermediar essa discussão ouvindo as opiniões favoráveis ou contrárias e jamais colocando a sua opinião formada. Essa construção mútua de desenvolvimento da aprendizagem possibilita ao educando (a) o despertar para a construção de sua consciência crítica em comunhão com outros alunos que se somam no círculo de cultura.

Dessa forma a postura ética do professor em relação ao aluno é levada em conta na medida em que se descobre que a didática apresentada é a de construir “com”, e não o de construir “para”.

Outro ponto imprescindível para os educadores do projeto diz respeito à amorosidade, ponto fundamental para a criação de vínculos entre os educadores e educandos (as). Lidar com um público em situação de vulnerabilidade não é tarefa muito simples, pois esses carregam consigo as incertezas, decepções e as negações que o mundo e a vida lhe impõem. Outro problema que o educador precisa administrar com inteligência é o fato dos homens se acharem mais capazes do que as mulheres, seguindo aquela velha máxima secular de que as mulheres não precisavam estudar, pois precisam cuidar do lar e dos filhos.

De acordo com Telma Ferraz Leal (2005, p.75):

Essa distinção na escolarização entre homens e mulheres representa um processo de resistência por parte da sociedade ao fato de as mulheres terem a mesma formação educacional que os homens. Socialmente, o papel das mulheres não deveria ultrapassar os limites do lar, mesmo que elas tivessem conseguido o direito de frequentar as escolas.

É papel dos educadores, não só populares, mas os que também atuam na rede pública e particulares de ensino a desconstrução dessas ideias seculares. A segregação não contribuirá em nada para o desenvolvimento da sociedade. Tirar a mulher do cenário escolar em vigência não contribuirá para livrar o território nacional e o mundo do analfabetismo.

Com esse olhar cuidadoso, a Casa de Paulo Freire é muito mais que uma escola de alfabetização quando assume a responsabilidade de alfabetizar sujeitos de forma voluntária. Está presente na lista dos que fazem a diferença, aumenta e muito o comprometimento dos educadores e educadoras do projeto. Ao mostrar para

o indivíduo que ele é capaz de se transformar e ao mesmo tempo em que se transforma, sendo capaz também de transformar a realidade da sua família, da sua rua, do seu bairro, da sua cidade e do seu país, se dá a certeza de que é preciso seguir em frente fazendo a inclusão pela educação libertadora e conscientizadora.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Considerações Metodológicas

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos da presente pesquisa descritos e classificados segundo o método, a estratégia de pesquisa e os instrumentos e procedimentos para coleta e análise dos dados.

4.2 Método

O presente estudo insere-se em uma abordagem de investigação descritiva qualitativa. Portanto, segundo Maanen (1979, p.520)

A pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido do fenômeno social.

Com o propósito de se alcançar os objetivos propostos, foi feito um levantamento bibliográfico, que segundo Gil, (2002, p.44) “[...] é desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, apoiando-se nos autores que conseguem perceber as resistências e as adesões à experiência de alfabetização popular, não só na Casa de Paulo Freire, que é um projeto de iniciativa social, mas também nas escolas oficiais do governo que ofertam vagas para a implementação da EJA nas escolas.

4.2.1 Estratégia de pesquisa - estudo de caso

Com o intuito de constatar as Resistências e as Adesões no processo de mobilização em prol da EJA, foi escolhido o estudo de caso como estratégia. Segundo Yin (1984, p. 14) “uma investigação caracteriza-se como estudo de caso

que surge do desejo de compreender fenômenos sociais complexos e retém as características significativas e holísticas de eventos da vida real”.

Na pesquisa, os sujeitos entrevistados são oriundos do processo de alfabetização desenvolvido pelo projeto social da Casa de Paulo Freire, situado em São Sebastião – DF. A entrevista concentrou-se em 05 alunos que demonstram resistência para se alfabetizar e aderirem de fato ao projeto e 05 alunos que fizeram a adesão e estão no processo de alfabetização. Todos os entrevistados estão em uma faixa etária de 30 a 60 anos, que participam e participaram do projeto em períodos diferenciados.

4.2.2 Instrumentos

A pesquisa fundamentou-se em um trabalho de campo e o instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, de forma que o entrevistador estabelecesse uma relação de interação e confiança com os entrevistados, podendo assim alcançar os objetivos pretendidos.

Segundo Manzini (1990, p. 154) “entrevista semiestruturada pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas”.

Para tanto, o roteiro de perguntas está focado em duas vertentes, sendo uma com foco na permanência na escola e alcance de objetivos pessoais e a outra na busca da percepção que os educandos (as) adquiriram no que diz respeito à convivência em sociedade e participação popular.

4.2.3 Procedimentos para Coleta e Análise dos Dados

A aplicação da entrevista ocorreu nos dias 12 e 13/09 de 2016 na sede do Projeto Casa de Paulo Freire, com duração de aproximadamente 60 minutos.

Após a realização da entrevista, as respostas obtidas foram analisadas e referenciadas a partir do levantamento bibliográfico, ou seja, cada resposta foi analisada e comentada, com base na teoria anteriormente exposta.

Desse modo, a pesquisa classifica-se como pesquisa descritiva qualitativa, sendo um trabalho científico original, pois visa explicar, através do levantamento bibliográfico e de coleta de dados, interpretação de fatos de forma detalhada, objetiva e clara, inseridos em algum contexto da vida real.

Foram elaborados dois quadros comparativos (Apêndice A e Apêndice B), com perguntas e respostas, instrumento utilizado para análise do pesquisador quanto aos resultados das discussões.

Para o levantamento de dados do trabalho Percepções das resistências e das adesões à experiência de alfabetização popular na Casa de Paulo Freire em São Sebastião-DF, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 5 (cinco) alunos que iniciaram sua alfabetização e desistiram no meio do processo e 5 (cinco) que permanece no processo de alfabetização já tendo avanços significativos na aprendizagem.

Os roteiros com as perguntas realizadas para os 10 alunos entrevistados encontram-se no Apêndice C.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para análise dos depoimentos obtidos, utilizamos os seguintes códigos e seus respectivos significados para identificar os informantes:

M1 (mulher 1) e M2 (mulher 2) foram usados como códigos para identificar as mulheres que se propuseram a participar da entrevista de forma espontânea e que resistem a ideia de passar por um processo de alfabetização. Dessa forma preservou-se a verdadeira identidade das educandas que não aderiram ao projeto educacional prologando ainda mais a sua condição de não alfabetizada.

Os códigos M3 (mulher 3) e M4 (mulher 4) foram usados para identificar as mulheres que aderiram ao processo de alfabetização e sua permanência no universo escolar.

Para identificar os homens participantes da entrevista usou-se os códigos H1(homem 1), H2 (homem 2) e H3 (homem 3) para identificar os que resistiram e H4 (homem 4) H5 (homem 5) e H6 (homem 6) para os que aderiram ao projeto de alfabetização na Casa de Paulo Freire.

Destaca-se que em nenhum momento o entrevistador colocou o seu ponto de vista nas respostas das educandas e dos educandos, mantendo a originalidade de suas falas.

Na verdade, construiu-se uma relação de confiança de ambas as partes e o que se demonstra nas linhas que se seguem é o resultado de 20 anos de trabalho voluntário de alfabetização de jovens, adultos e idosos na cidade de São Sebastião – DF. Realidade viva de sujeitos que se sentem excluídos do processo educacional e que não conseguem se adaptar de forma alguma, e de sujeitos que ainda acreditam que podem ser transformados pela educação.

5.1 Quanto às Resistências:

Primeira Pergunta: Qual a maior dificuldade que você encontra para permanecer no projeto da EJAI na Casa de Paulo Freire?

Nas respostas à questão 1 fica evidenciada que a falta de motivação é o que mais pesa quando um educando (a) necessita interromper sua trajetória escolar. Eles acreditam que já estão com a idade avançada e que estudar não tem mais nenhum sentido. Outro ponto destacado diz respeito ao cansaço físico, pois trabalham pesado o dia todo e quando chegam em casa ainda precisam cuidar de alguns afazeres domésticos. Esta máxima, segundo os entrevistados, tanto vale para os homens quanto para as mulheres. A maioria não vê na escola nenhuma perspectiva de futuro e dizem que não tem nenhum interesse em ficar “quebrando a cabeça” com uma coisa que só vieram descobrir depois de velhos.

Como enfatiza M1, por mais que insista, ela não consegue, e diz que essa coisa de estudar tem que ser para os mais novos, e que já está velha demais “você já viu papagaio velho falar meu filho? Quero estudar não, toda vez que eu tentei não consegui, como você mesmo sabe”, fala que fica com sono e dá vontade de dormir, e diz que estudar a noite não é coisa pra velho, indagando que o governo devia construir uma escola pros velhos estudar de dia, estudar a noite debaixo chuva e frio não é bom. Descreve que quando era criança seu pai falou que não ia colocar nenhuma filha dele na escola, porque já tinha exemplos das filhas dos vizinhos que arrumaram namorados e logo engravidaram. Diz que hoje, com 55 anos, não sabe nem escrever seu próprio nome.

A educanda M2 relatou que tem muita vontade de aprender, mas toda vez que tentou permanecer na escola nunca deu certo, disse que uma vez estava indo bem conseguiu permanecer quatro meses, quando descobriu que estava grávida do seu sexto filho, foi a gota d'água pra desistir, destacando que o marido até concordou em ficar em casa cuidando dos outros meninos. Mas quando soube que estava grávida novamente lhe bateu um desespero uma falta de motivação, aí não teve alternativas a não ser desistir porque naquele momento a cabeça estava focada no que ia fazer. Relatou que na casa só o marido trabalha de ajudante de pedreiro e

diz que o dinheiro é muito pouco para comer e pagar aluguel, “tem vezes que a família passa apertado”. Destaca: como conseguirá estudar com tantos problemas pra resolver?

O educando H1 descreveu que trabalha o dia todo debaixo de sol varrendo a rua e quando chega em casa está “morto de cansado”. Destaca que depois que “coloca alguma coisa na barriga só pensa em dormir”, disse que já tentou estudar várias vezes, mas quando chega à sala de aula dá um “sono danado” e logo quer voltar pra casa. E destaca que na Casa de Paulo Freire as aulas são boas, que “o problema que ele tinha na escola pública de não saber identificar as sílabas já estava sendo resolvido, mas as vistas não ajudam, falta uns óculos que é muito caro”, e vai adiante dizendo que se comprar uns óculos falta dinheiro para a comida.

O educando H2 disse que trabalha muito longe e que todo dia tem que pegar quatro ônibus e que sempre chega em casa por volta de 08 horas da noite, destacando que sempre a escola estava fechada já que chegava com 45 minutos de atraso. Outro ponto de preocupação do educando diz respeito à violência, que já foi assaltado quando estava voltando da escola por dois menores em uma bicicleta. Disse também que estudar já velho é muito ruim, falta motivação e disse que na sala de aula tinha alunos mais novos que não deixavam a professora dar aula, ficavam fazendo bagunça e que uma vez se desentendeu com um aluno porque ele destratou a professora, isso na rede pública de ensino. Na Casa de Paulo Freire H2 estava indo bem, mas questões familiares o fizeram desistir.

O educando H3 disse que “acha chato essa coisa de estudar” e que só fez a matrícula no projeto porque ficou sabendo que no condomínio que trabalha o sistema de vigilância ia mudar, “que o patrão ia colocar um tal de vigilante eletrônico, mas só foi alarme falso que ele vai continuar na guarita controlando quem entra e quem sai”. E disse que “pra controlar quem entra e sai no condomínio não precisa de estudo, e que trabalha demais pra se preocupar em ficar fazendo dever que o professor passa pra casa”. Disse que essa coisa de estudar nunca deu certo pra ele, desde pequeno que ele não gosta dessa “coisa”. Destaca que uma vez seu pai o colocou pra estudar na casa de uma professora de quem ninguém gostava, “ao invés dela lhe ensinar ficava era lhe maltratando, batendo com um pedaço de pau na sua mão” (palmatória) porque ele não conseguia fazer a lição que ela passava. Enfatiza que “como se vai aprender com uma pessoa lhe batendo?”

Dos cinco alunos participantes, três destacaram que a falta de motivação foi o que mais pesou na hora de decidir permanecer ou sair do projeto, ou da escola pública. Disseram também que já estão com a idade avançada, que tem que deixar a escola pra quem é mais novo. De acordo com Paulo Freire (1978, p.32):

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da sua libertação. Somente na medida em que se descubram “Hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora.

Assim observando as palavras de Freire, pode-se perceber que as recusas por parte dos educandos (as) entrevistados vão muito além de uma simples negação ao conhecimento pedagógico-literário. O que se pode esperar daqueles que tiveram o seu direito de ser negado? A simples continuação da negação, só que em outras vertentes, ou seja, existe uma dominação do opressor em relação ao oprimido quando esse se nega a aderir a sua alfabetização por falta de motivação, ou de outros fatores.

O ato de negação para o sujeito não alfabetizado o condiciona a permanecer em um grupo social que frequentemente é renegado socialmente, já que esse se encontra ainda em um conflito pessoal quanto à importância de sua existência no mundo e de nele se estabelecer. Assim quando o hospedeiro se instala no corpo cansado e fatigado, esse suga as esperanças do analfabeto e da analfabeta que, cansados de tanto tentar, não resta alternativa a não ser desistir do processo de alfabetização no projeto em questão.

Pode-se dizer que a maioria não faz questão de se alfabetizar por entender que os trabalhos pesados já os satisfazem. É justamente esse discurso do oprimido que alimenta o opressor. Mas onde está esse opressor? Estão espalhados pelo mercado de trabalho que contrata mão de obra barata como já foi referenciado no desenvolvimento das seções anteriores. Esse mercado terceirizador de mão de obra barata se torna robusto quando contrata pessoas sem nenhum grau de conhecimento, sujeitos que desconhecem os seus direitos como cidadão em um país que insiste com a teimosia de descumprir regras.

Onde estão os oprimidos? Cinco deles aparecem na entrevista acima e o restante é uma somatória de 13 milhões de brasileiras e brasileiros ainda não

alfabetizados. De acordo com a “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2012 e divulgada em setembro de 2013, a taxa de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais foi estimada em 8,7%, o que corresponde a 13,2 milhões de analfabetos no país” (IBGE)³.

Eles estão espalhados em todo território nacional, principalmente nos guetos e favelas dos grandes centros do país. Conforme pode ser visualizado no Anexo A as regiões onde existe a maior porcentagem de analfabetos se concentram no nordeste e norte do país. Sujeitos que historicamente foram segregados economicamente, por isso representam a mão de obra não valorizada da nação brasileira.

A proposta pedagógica libertadora da Casa de Paulo Freire mexe com as estruturas da classe oprimida e causa revolta na classe opressora. O oprimido desconhece que ao aderir o processo de sua alfabetização, ele deixa de ser um “ser menos”, e passa a ser um “ser mais”: mais esclarecido, mais crítico, mais reivindicador, mais consciente. Por outro lado, o opressor passa a ser um “ser menos”: menos explorador, menos controlador, menos voraz economicamente, não porque esse mudou de opinião em relação ao oprimido, mas porque um oprimido a mais na escola é um oprimido a menos no mercado que explora mão de obra a baixo custo.

Segunda pergunta: Quais foram os fatores que lhe fizeram desistir do processo de alfabetização?

Para o filho e a filha da classe popular periférica ingressar na escola é visto por alguns pensadores como uma verdadeira quebra de paradigma, uma vez que necessitam romper diversas barreiras sociais, reais ou simbólicas, o que dificulta a sua aderência. Faz-se essa analogia por entender que os sujeitos em situação de

³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/01/brasil-e-o-8-pais-com-mais-analfabetos-adultos-diz-unesco.html>>. Acesso em :16 nov. 2016.

vulnerabilidade escolhem outras prioridades que estão muito aquém do sistema educacional. A escola para quem luta pela sobrevivência, sempre ficará em último plano devido à necessidade que o sujeito tem de se adaptar ao meio em que vive e nele se estabelecer.

Ser pertencente à classe dos “descartáveis” da nação o impossibilita de sonhar alternativas possíveis para o desenvolvimento de conceitos que venham corroborar para uma transcendência do estado de inércia em que se encontram quando se negam a permanecer no projeto de alfabetização da Casa de Paulo Freire, se alfabetizar e conseqüentemente darem continuidade aos estudos em outros estabelecimentos de ensino da rede pública. É para se entender que o paradoxo seria a adaptação dos sujeitos que, ao perceber a sua não adesão, refletiria a perda de oportunidades que já tiveram, e outras que perderão no futuro caso ainda insistam em permanecer fora do universo do conhecimento.

M1 respondeu que recebe alguns benefícios que o Estado lhe proporciona. O Bolsa Família ajuda na alimentação dos seus sete filhos, destacando que quem tem que estudar são os mais novos. Diz que “todo dia 10 de cada mês vai ao banco buscar seu dinheirinho” que está lá na conta lhe esperando, e enfatiza dizendo “o que eu quero mais?” Destaca que “já tentou um montão de vez estudar”, mas desiste porque até hoje sobreviveu com o Bolsa Família, catando latinha e fazendo faxinas. Relata ainda que “é ruim de deixar a sua novela pra ir pra sala de aula ficar ouvindo professor falar aquilo que não interessa”. Descreve que “vê tanta gente por aí que tem estudo, e nem trabalhando está, e que ela pelo menos tem a ajuda do governo e que os estudados não têm a ajuda de ninguém”.

Conforme descreve M2 são vários os motivos que lhe impossibilitou de entrar na escola. M2 nunca estudou, é analfabeta total, mas tem uma dialética de impressionar. Disse que quando tinha 13 anos arrumou um namorado mais velho do que ela, e como descreveu tinha o dobro de sua idade. Disse que seus pais não queriam o namoro, mas ela contrariando os pais, continuou o namoro porque disse que o amava muito, e que logo ela ficou grávida de seu primeiro filho. Atualmente M2 tem 5 filhos. “Daí veio as preocupações porque ela engravidava seguidamente”. Como ela era muito pobre, teve que trabalhar para dar o que comer para os filhos. Diz que “as pessoas falavam dessa tal de escola, mas era bem melhor ficar cuidando dos filhos do que estudar” e que tinha outra coisa: diz que “o marido,

quando percebeu que ela não tinha mais aquela beleza da juventude, cuidou de cair fora lhe deixando sozinha com os meninos”. M2 mora com os seus filhos e netos em um curral comunitário de São Sebastião, numa situação de vulnerabilidade social extrema. M2 é beneficiária do Bolsa Família.

Disse H1 que “ninguém no mundo vai tirar o direito dele de jogar uma sinuca depois de um dia duro de trabalho, nem mesmo essa coisa de escola”. H1 é carroceiro e destaca que cuidou de 8 filhos com a carroça, e que sempre falou “para os seus filhos estudarem pra não serem um carroceiro, ou uma empregada doméstica”. Mas segundo ele “os meninos não quiseram nada, ensaiaram um monte de vez ir pra escola, mas a preguiça falava mais alto”. Disse que saia cedo pra trabalhar, e deixava essa responsabilidade pra mãe deles, mas “como ela também é analfabeta, não estava nem aí!”. Destacou que não era a primeira vez lhe chamavam pra estudar, dizendo que uma vez passou uma mulher na sua casa fazendo um cadastro dos analfabetos, disse que deu o nome, mas apenas para se livrar dela. “Pergunta se eu apareci lá na escola? Fui nada!”. Disse que como me conhecia e que me respeitava muito, não ia nem mesmo fazer o cadastro, não queria que ficasse esperando em vão. Destacando que “quando chega a casa está morto de cansado, e só pensa em descansar depois que vai bater a sua sinuca”. H1 Também se beneficia dos programas sociais do governo.

De acordo com H2 “o principal problema por ainda ser analfabeto é a mulher”. Disse que já tentou de todas as formas convencê-la de que precisa estudar, mas ela é irredutível em relação à escola, destaca que ela nem mesmo o deixa tentar, preocupada com as amigas que vai encontrar na sala de aula. Diz que “sua intenção para estudar é única, arrumar mulher”, de que seu tempo de estudar já passou. Descreve ainda que “a esposa fica encucada porque um amigo de H2 inventou de estudar e logo arrumou outra mulher mais nova do que a mulher dele, e que ele vai fazer a mesma coisa com ela”. H2 conta que uma vez que foi à Casa de Paulo Freire e conversou com a professora, ela o orientou para que conversasse com a esposa para participar também do projeto. Quando foi falar com ela, “ela veio com sete pedras nas mãos, dizendo que até hoje nunca dependeu de escola, que as diárias que faz e a ajuda dos programas de assistência do governo dá muito bem pra ela sobreviver sem precisar da ajuda de ninguém”. E foi mais além dizendo que

H2 errou ao falar que ela também era analfabeta, que só quem sabia era a sua família e os seus patrões.

Já H3 destaca que tem um problema muito sério com jogos e apostas e que já tentou de várias formas “largar o vício”, mas não consegue. Destaca ainda que fez várias tentativas para se alfabetizar no projeto, mas desistia “porque os amigos ficavam falando pra ele que já estava velho e que estudar depois de velho é besteira”. Diz H3 que “não conseguia se concentrar nas aulas pensando nos amigos que já estavam no bar jogando sinuca. E que no dia seguinte faziam uma pressão danada em cima dele pra voltar, dizendo que as partidas estavam cada vez mais emocionantes, e que fulano tinha ganhado muito dinheiro vencendo quatro partidas seguidas”. H3 disse também que já está acostumado com a vida humilde que vive que não tem nenhuma pretensão de sair de onde está, e vai além dizendo que “quem tem que estudar são os mais novos, porque velho já está cansado e tem outros problemas pra resolver”.

Em relação à questão 02 ficou evidenciado que são muitos os fatores que impedem a participação dos educandos (as) no projeto de alfabetização na Casa de Paulo Freire. Pode-se destacar que cada sujeito que se nega a participar do processo de alfabetização estará alimentando permanentemente a ideia fixa de sua incapacidade. Como se viu nos relatos, estudar para as classes pobres e vulneráveis não passa de uma ilusão alimentada pelo estado quando se nega a enfrentar o problema de frente. Nesse contexto o que se deve analisar primeiramente é o desafio que o Estado enfrentará para mudar a linha de pensamento dos educandos(as) com opiniões reproduzidas há séculos em relação à escola, afinal são 13 milhões de pessoas ainda analfabetas em todo Brasil.

Como destaca Cristovam Buarque (2000, p. 33):

Chegamos ao final do século com um mundo onde nunca houve tanta riqueza, mas a pobreza não recua, e a distância entre ricos e pobres acentua-se. A tendência é um contínuo aumento da desigualdade social, com acirramento no quadro de pobreza e o risco de uma brecha tão grande ricos e pobres que em breve ocorrerá em cada país um crescimento separado, nos moldes sul-africanos do apartheid. No mundo inteiro, uma cortina separa os seres humanos entre os que têm e os que não têm acesso às maravilhas da técnica. No lugar da cortina de ferro que separa países, uma cortina de ouro separa os ricos e os pobres. Não mais como desigualdade contínua, mas como um corte, entre os incluídos e excluídos.

Pode-se afirmar que a saída para a tão complexa realidade social das comunidades periféricas é fruto também de uma catastrófica concentração de renda

nas mãos de poucos privilegiados. Assim não restam alternativas aos vulneráveis da sociedade a não ser fazer a adesão escolar, mas o que se vê não é isso, o que se vê cada vez mais, são jovens sendo quartaserizados, por não sentirem aptidão e motivação para continuar estudando e na escola se firmar e fazer a sua inclusão pela educação. Os públicos que se trabalham hoje nos projetos sociais de alfabetização foram jovens que evadiram a escola no começo das décadas de 80/90 e que sem perceber se transformaram em demandas futuras da educação de jovens, adultos e idosos.

Os relatos até aqui evidenciados vêm confirmar que longos são os caminhos a percorrer até a nossa sociedade perceber que a política do perde e ganha só agravará as relações e jamais aproximará os extremos pobres e ricos, a não ser pela relação patrão - empregado. Mundos que não se misturam mesmo quando se percebe que toda a saída para as crises existências das minorias está resumida no simples fato de se educar, e se educando o sujeito também estará preparado para transformar a sua realidade, e a realidade daqueles que jamais conseguirão viver isoladamente, pois necessitam da mão de obra operária do trabalhador assalariado.

Também é fato que a escola pouco mudou nos últimos trinta anos. Reformas paliativas aconteceram, mas não houve as tão esperadas mudanças metodológicas no ensino. Aquele professor tradicionalista que chega à sala de aula, enche o quadro de dever e se senta pra ler revista está ficando ultrapassado. Ser um professor da pedagogia construtivista nos dias de hoje é sinal de notoriedade profissional. Facilitar um processo de aprendizagem é muito mais interessante do que despejar teorias na cabeça dos educando(as) como se esses fossem simples “potes vazios” nas relações professor-aluno. O construtivismo trás as possibilidades de se trabalhar as potencialidades individuais e coletivas em um universo de integralidade e de trocas de conhecimentos mútuos.

Como enfatiza Paulo Freire (2011, p. 28) “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”.

É diante das curiosidades e das criticidades que os educandos(as) começam a perceber o mundo em sua volta de outra forma. Dizer a palavra em um sentido mais amplo do que simplesmente codificar letras no caderno lhes abrem a

possibilidade de mudanças significativas quando percebem que os seus anseios estão sendo atendidos. Partir primeiro para a sua mudança existencial para depois construir as mudanças estruturais pedagógicas necessárias que a sociedade espera de um recém alfabetizado.

Terceira pergunta: Quais motivações você recebe de sua família para estudar?

No mundo globalizado e competitivo em que se vive, buscar o conhecimento deixou de ser sinônimo de status e passou a ser uma necessidade de sobrevivência em uma sociedade cada vez mais tecnológica e excludente.

As camadas populares estão percebendo do seu jeito essas mudanças, quando veem o mundo em suas mãos através de aparelhos de televisores, computadores e celulares cada vez mais avançados. É de se buscar na história que a revolução industrial na Inglaterra (1760) chegou para substituir o homem pela máquina, que de produtor passou a ser operador de manufaturados, cortando pela metade a mão de obra operária, já que uma máquina fazia o serviço de 100 homens. Com essas mudanças o homem se viu na necessidade de aprimorar os seus conhecimentos, buscando se qualificar para enfrentar a nova realidade do mercado de trabalho europeu que se instalava.

Enquanto a valorização dos saberes científicos estava a todo vapor na Europa, devido sobretudo ao positivismo defendido por Augusto Comte (1798-1857), no Brasil ainda estava nas casas escolas com aulas incipientes com professores não graduados, que pouco motivava os alunos que frequentavam as suas aulas. Os literários e intelectuais que mais viviam na Europa do que no Brasil, só vieram a pensar numa proposta pedagógica muitos anos depois da revolução industrial inglesa. É por esses motivos e outros que ainda está se pagando o preço da nossa total falta de responsabilidade para com a educação dos povos brasileiros.

As famílias oriundas das camadas populares foram as que mais sofreram, e sofrem até hoje com os desmantelos do sistema educacional em vigência. Nesse sentido se sentem desmotivadas para incentivar a participação dos sujeitos que ficaram anos ausentes da escola e conseqüentemente do conhecimento. Por outro lado, nesta mesma sociedade criou-se o que se chama de senso comum, quando

separa as crianças e as colocam como detentoras absolutas das atenções por parte do estado, e dizem que essas estão sim prontas para ingressar no universo escolar por estarem dentro da chamada idade apropriada. Se defende ainda que o tempo de quem ficou fora do processo de alfabetização já passou; que se é preciso cuidar dos mais novos, porque esses representam o futuro do país; que ao invés de perder tempo com “velhos” é melhor qualificar e preparar os professores para cuidarem da nova geração. Aprofundando essa reflexão em torno do pensamento da sociedade, poderíamos chegar à seguinte conclusão: vamos cuidar dos mais novos, porque esses durarão mais tempo nas redes oficiais de ensino. Essa linha de raciocínio, entretanto, está equivocada.

Pode-se destacar Paulo Freire (1978, p.93) “Se é dizendo a palavra com que, ‘pronunciando’ o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”.

Na questão 3 a educanda M1 enfatiza que jamais recebeu apoio da família para estudar, destaca que toda vez que tentou ingressar na escola, sempre acontecia alguma coisa que a deixava desmotivada, principalmente quando estava desempregada. Disse ainda que estava se sentindo bem na Casa de Paulo Freire, que estava achando as aulas boas, mas aconteceu um problema em casa fazendo-a mais uma vez desistir de se alfabetizar. Outra coisa são os comentários de pessoas que não querem ver o seu crescimento, e dizem que M1 “[...] já está velha pra ficar se importando com escola”.

Já no relato de M2 os seus familiares nunca se importaram com os seus estudos, dizendo que já tem irmãos que terminaram o segundo grau e que duas irmãs estão fazendo curso superior, mas que quando fala em estudar já escuta uma frase decorado por todos os irmãos, que dizem que M2 “tem que cuidar dos filhos e esquecer esse negócio de escola”. Diz ainda que sua família é muito grande e que somente ela e outros dois parentes são analfabetos e que “essa situação o deixa com muita vergonha, porque fica dependendo dos outros para resolver questões simples do dia a dia mas que precisa de leitura”.

Destacou H1 que “a sua família não está nem aí pra ele que se desmotivou de tudo, principalmente dessa coisa de estudar”. Descreve que tem um monte de parentes que “estão numa boa e que nem lembra que ele existe na terra”. Vai

adiante dizendo que “família só lembra-se de alguém, se esse alguém tem alguma coisa pra oferecer”, como destacou que não tem praticamente nada ninguém aparece. H1 relatou que “certa vez soou um alarme falso que ele tinha sido um dos ganhadores da Mega Sena, que ficou impressionado com o surgimento de tanta gente, até gente que ele nunca tinha visto na vida”. Disse que “deu graças a Deus por ter sido alarme falso, porque sua vida ia se transformar num inferno e que prefere continuar pobre, mas em paz”.

Já H2 destaca que não encontra nenhum apoio da família para estudar. Disse que tem muita vontade de ler e escrever, interpretar e fazer as quatro operações, “mas quando toca no assunto em casa é motivo de brigas com a esposa. Disse que pra preservar a sua relação vai tocando a vida assim mesmo”.

Na fala de H3 a sua família até que tentou colocar na escola quando ele era pequeno, mas disse que na roça criança com cinco anos tem que trabalhar pra ajudar no sustento de casa. Disse ainda que alguns irmãos estudaram depois de velhos, mas que ele ficou pra trás e que hoje ninguém da família toca no assunto. “H3 destaca que seus próprios filhos não têm coragem de ajudá-lo a aprender pelo ou menos o nome que para ele seria o suficiente”.

Nos relatos anteriores se pode medir a dimensão do problema em questão, que é o analfabetismo nas camadas populares da sociedade brasileira. A desmotivação por parte dos sujeitos excluídos do processo é tão grande que merecia um estudo mais detalhado do estado e seu corpo de gestores da educação. O artigo 205 da Constituição Federal de 1988, diz que “a educação, é direito de todos e dever do Estado e da família”.

Pode-se dizer então que a Carta Magna do país é justa com todos os seus concidadãos quando se refere à educação que é direito de todos e todas. Mas uma coisa é a teoria, outra coisa é a prática. O que se vê na realidade é que cada vez mais a escola deixa de ser interessante para aqueles e aquelas que têm muita dificuldade para entender que o conhecimento é a única ferramenta que as comunidades carentes têm para a sua total libertação das “garras” dos opressores do sistema. Quando a família se nega a incentivar os seus pares a ingressar nesse universo na idade dita “apropriada”, essa estará alimentando cada vez mais as

estatísticas negativas da educação no país. Basta lembrar que o Brasil está muito mal colocado no ranking mundial quando se observa o quesito educação.

O jovem que se nega a ingressar e fazer a sua aderência na escola regular, na certeza será o educando e a educanda em potencial dos projetos de EJA no futuro. Dessa forma tem que se preocupar com a atual realidade e buscar entender melhor onde estão os motivos de tanta resistência ao processo de alfabetização nos bolsões de pobreza. O mapa das desigualdades absolutas é o retrato da longa caminhada que o Brasil precisa percorrer para entender que a saída para questões estruturais estará no simples gesto de se manusear um lápis, um caderno, uma borracha, um apontador.

Como relata Paulo Freire (1978, p.111) “Para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das ‘situações-limites’ em que os homens se acham quase coisificados”.

Quarta Pergunta: Como você se sente sabendo que é um dos 13 milhões de brasileiras e brasileiros ainda não alfabetizados?

Essa ainda é a triste realidade do país, saber que espalhados por 8.547.404 quilômetros quadrados de superfície territorial brasileira, ainda existem pessoas que mal conseguem escrever o seu próprio nome. São 13 milhões de sombras travestidas de sujeitos que historicamente ficaram à mercê da boa vontade do estado e de sua falta de cuidados para com a educação.

Não saber ler e escrever são uma das piores humilhações que uma pessoa possa sentir na sua existência, pois sempre estará na dependência de terceiros muitas vezes não disponíveis, para resolver questões que precisam de um pouco mais de conhecimento, como ler e escrever uma carta por exemplo. É fato que o Estado penaliza o educando e a educanda em dois momentos de sua história de vida, a primeira é quando se nega a dar condições para facilitar a entrada da criança na escola e nela permanecer, e depois quando dificulta a vida do aluno já adulto ou idoso, exigindo que esse procure os projetos de EJA nas comunidades ou da EJA na rede pública de ensino.

Escolas oficiais e projetos de EJA em sua maioria só funcionam à noite. Como os educandos e educandas sofrem as limitações que a idade lhe impõe, o seu processo de aprendizagem se torna uma tarefa muito difícil de ser concretizada, por causa dos altos índices de desistências no meio do processo de alfabetização.

Como descreve Paulo Freire (1978, p.183) “O ‘medo da liberdade’, então neles se instala. Durante todo esse processo traumático, sua tendência é, naturalmente, racionalizar o medo, com uma série de evasivas.

Descreve M1 que se sente “como alguém que não tem nenhum valor para a sociedade”, diz que às vezes fica muito triste porque sabe que é parte desse montão de gente que está fora da escola. Destaca que “certa vez na igreja que frequentava o pastor pediu pra ela ler um versículo da Bíblia, para todos os presentes no culto, só que o pastor não sabia que ela era analfabeta, e ficou aguardando a leitura”. M1 disse que foi um dos piores dias de sua vida quando toda a igreja ficou em silêncio para lhe ouvir. “O que sentia foi um profundo calor, as pernas tremiam, as mãos suaram, parecia que estava em um pesadelo e ninguém o acordava, e depois desse vexame deixei de frequentar os cultos”.

Já M2 diz que “é vergonhoso saber que está na lista dos que não sabem ler e escrever”, e diz que a vida se torna muito mais difícil pra ela porque fica na dependência de terceiros quando precisa ir ao banco sacar o benefício ou fazer outra coisa que precisa de leitura. Descreve que quem faz isso pra ela é um neto “muito problemático, que nem sempre está com boa vontade para lhe ajudar”. M2 relata que “toda vez que o neto vai com ela ao banco ele quer dinheiro pra comprar aquelas coisas que não presta, e se ela não der o neto se recusa a ajudá-la”.

“Como você acha que eu me sinto?” H1 responde fazendo uma pergunta. Diz que está entre os que não sabem ler e escrever lhe tira metade do sentido de existir, dizendo que só não é mais vergonhoso porque não está sozinho e que tem muita gente na mesma situação dele. H1 disse que certa vez foi reclamar na CAESB o valor da conta de água que chegou muito caro a sua residência, que ao chegar ao posto de atendimento da empresa, a atendente pediu pra ele preencher uma ficha relatando o que aconteceu pra conta ter aumentado, e colocar na ficha o valor que tinha pago nos últimos 3 meses. H1 contou que “pegou a ficha e a caneta e por algum tempo ficou olhando pra cara da atendente até falar que não sabia escrever,

ela perguntou se eu não tinha vergonha de ser analfabeto”. Contou H1 que se segurou muito para não dar uma má resposta a atendente, e que foi pra casa triste e sem resolver o problema da conta.

No relato de H2, estar na lista dos analfabetos é muito ruim porque “sabe que só ele pode resolver esse problema, destaca que sabe que existem muitas escolas pra quem é analfabeto, mas também sabe que a culpa não é da escola e sim dele”, por não frequentar e vai adiante dizendo que já perdeu muitas oportunidades por não saber ler e escrever. Destacou ainda que certa vez “trabalhando em uma obra o patrão precisou de alguém para controlar a frequência da peãozada” e que falou primeiro com H2, mas como não sabia ler e escrever perdeu a oportunidade de fazer um serviço mais leve e a oportunidade foi dada a outro empregado “que escrevia e lia um pouquinho”. Outro sonho de H2 é tirar a carteira de motorista, mas “sabe que é um sonho quase impossível para quem não sabe ler e escrever”.

Já H3 fez um verdadeiro desabafo diante da pergunta, dizendo que “se trata de uma verdadeira humilhação ainda ser analfabeto”, e se defende dizendo que “a culpa não é só dele porque a sua situação de extrema pobreza quando criança o impossibilitou de continuar estudando”. Destaca que hoje não tem vontade alguma porque se avalia velho demais, mas sabe também que paga um preço muito alto por isso. “H3 revelou que já viveu muitas situações que lhe deixou envergonhado por não saber ler e escrever”. E foi adiante dizendo que assim que se mudou para São Sebastião no ano de 1988, precisou perguntar o destino de um ônibus para uma pessoa que estava na parada e que essa pessoa lhe negou a informação dizendo que não era posto de informação e que H3 se virasse. Outro “vexame” que passou foi quando precisou preencher uma ficha de emprego numa empresa de conservação e limpeza. H3 relatou que tinha umas 12 pessoas concorrendo a três vagas e que só ele e duas mulheres não conseguiram preencher a ficha. H3 disse que “voltou para casa arrasado”.

Como se percebe nos relatos a vida de quem não é alfabetizado (a), tudo se torna muito mais difícil. Ao ficar frente a frente com esses sujeitos se pode verificar nos seus semblantes uma profunda tristeza que se mistura com as marcas do tempo, resultado de muito sofrimento. No seu “rosto” se consegue fazer uma leitura do aprisionamento intelectual que as suas gerações foram submetidas.

Como descreve Paulo Freire (1978, p. 36) “A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”.

Quinta pergunta: O seu patrão ou sua patroa já motivou você para estudar?

A história nos conta que a educação em nosso país nunca teve muita importância para os detentores do poder. Os oligarcas, primeiros mandatários, mandavam os seus filhos e filhas estudar nas melhores escolas europeias onde cursavam direito, medicina e engenharia, três cursos que até os dias de hoje estão nas mãos da elite. O filho do camponês, um verdadeiro serviçal, tinha o seu tempo ocupado com o trabalho pesado nas fazendas dos coronéis da terra.

O trabalhador rural não tinha o direito de estudar, porque na concepção da Corte o Brasil era um país continental com vocação agrária. Os filhos e filhas do trabalhador rural deveriam seguir a vocação de suas ramificações para garantir a continuação da linha de produção que abastecia a Coroa em Portugal e os aliados do Rei que por aqui já se encontravam estabelecidos, resultados da exploração da mão de obra escrava, e esses já dominavam os primeiros estabelecimentos comerciais.

Assim, essa relação patrão-empregado não ultrapassava as cercas das fazendas e o diálogo só acontecia com os capatazes que eram os olhos e ouvidos dos coronéis e que se encarregavam de castigar aqueles e aquelas que desobedecem às suas ordens. Os capatazes se esqueciam das suas origens para se tornar um “bajulador” do patrão.

Na fala de Paulo Freire (1978, p.34):

Raros são os camponeses que, ao serem “promovidos” a capatazes, não se tornam mais duros opressores. Poder-se-á dizer – e com razão – que isto se deve ao fato de que a situação concreta, vigente, de opressão, não foi transformada. E que, nesta hipótese, o capataz, para assegurar seu posto, tem de encarnar, com mais dureza ainda, a dureza do patrão. Tal afirmação não nega a nossa – a de que nestas circunstâncias, os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de “homem”.

Na resposta de M1 dá para perceber o quanto a sociedade abastada precisa entender melhor as classes desfavorecidas quando descreve que certa vez conversou com uma patroa que já fazia faxina há muito tempo na sua casa, que gostaria de aprender pelo menos escrever seu nome. M1 disse que “a patroa deu

um pulo dizendo que ela não tinha mais idade pra estudar e que estudar já velho era invenção de quem não tinha o que fazer”.

E foi mais além dizendo que M1 “precisava cuidar era dos filhos e que esses sim estavam na idade de estudar, e que se continuasse com essa ideia na cabeça ia dispensar as suas faxinas”. M1 destacou que “entre ficar sem as faxinas e estudar, ficou com a primeira opção já que corria o risco de ficar desempregada e que os meninos que estavam em casa esperando comida não iam ficar esperando ela se formar pra depois correr atrás de dinheiro para as suas despesas”. M1 relatou que na época recebia 70 reais por cada faxina, que começava às 8 da manhã, mas que não tinha hora para terminar.

Já na fala de M2 “a sua situação é tão grave que atualmente está dormindo na casa onde trabalha com medo de perder o emprego”, dizendo que seus patrões ficam sempre lhe alertando que “o Brasil vive uma crise sem precedentes e que o número de desempregados cresceu muito no país por causa dos governos do PT e que tem muita gente querendo a sua vaga”. M2 diz que acorda 6h da manhã para preparar o café e que tem dia que vai dormir 11h da noite extremamente cansada. M2 diz que os seus patrões “nunca tocaram no assunto de escola com ela, e que ela também não se importa com isso não porque é trabalhando na casa que consegue levar comida pra casa”. M2 destaca que “depois dessa Lei que o PT criou obrigando os patrões a assinar as carteiras de trabalho, a coisa ficou ruim pra quem é empregada doméstica, e que muitas pessoas que conhece que sabem ler e escrever e que são domésticas foram demitidas”.

No relato de H1 se percebe a sua autonomia como profissional liberal, quando fala que seu patrão nunca insistiu pra ele ir pra escola, porque “o patrão dele é ele mesmo” e que “somente uma vez trabalhou de empregado, mas que isso foi na roça quando ele ainda era um adolescente”. Destaca que “não tem paciência pra ficar recebendo ordens de patrão, que muitas vezes não valoriza o seu esforço e paga uma merreca pelos seus serviços”. Disse que “na carroça trabalha o dia que quer, e o dia que não quer ficar em casa ou no bar conversando com os amigos”.

Descreveu H2 que trabalha na construção civil como pedreiro que nem se ouviu falar de escola por parte dos encarregados, já que os operários só conhecem os patrões por nome. Destaca também que “são poucas aquelas pessoas que

querem ver você crescer no local de trabalho” e foi além dizendo que as oportunidades até surgem na empresa, mas “como se é leigo quando vai ver a vaga já foi preenchido por um mais esperto do que ele”. H2 disse que sente vontade de se aproximar dos projetos que são apresentados pelos engenheiros da obra, mas diz que “sabe que a distância de um simples pedreiro para um engenheiro é muito longa se conforma simplesmente em fazer o trabalho mais pesado”.

Relata H3 que na empresa em que presta serviço ao condomínio em que é contratado, nunca falaram em colocar os funcionários para estudar e que ele já está nessa empresa há 15 anos. Diz ainda que “o patrão têm outras coisas pra se preocupar como, por exemplo, juntar dinheiro para pagar os funcionários, não deixar faltar o material de limpeza para o pessoal da conservação trabalhar deixando o condomínio do jeito que ele gosta”. Descreve H3 que “não é todo mundo que tem tempo de ficar pensando em escola não, principalmente o patrão que é uma pessoa muito ocupada, dizendo que o condomínio que trabalha é um de vários sob sua responsabilidade”.

Ficou evidenciado nos relatos acima que as relações humanas têm as suas limitações, principalmente quando se trata de relação patrão-empregado. Essa aproximação se dá de forma mecanizada e sem laços afetivos entre as partes, o que se negocia na verdade é a mão de obra e nada mais, além disso.

É quase utópico se esperar outra relação da parte de quem detém o poder na cadeia produtiva. Orientar um sujeito excluído do processo educacional a buscar orientações pedagógicas que serão substratos para a sua afirmação no contexto social remete ao desvelamento de ideias de afirmação seculares que colocam pobres e ricos segregados economicamente. Dessa forma não restam alternativas a não ser a adaptação do sujeito ao meio em que vive, mesmo sendo analfabetos e analfabetas.

Como descreve Paulo Freire (1978, p. 73) “Quanto mais se adaptam as grandes majorias às finalidades que lhes sejam prescritas pelas minorias dominadoras, de tal modo que careçam aquelas do direito de ter finalidades próprias, mais poderão estas minorias prescrever”.

Sexta pergunta: O que você espera do futuro sem ser alfabetizado – alfabetizada?

As perspectivas de futuro são temas e debates frequentes nas comunidades escolares e que chegam a transpassar os seus muros quando a discussão chega à sociedade. Essa espera resultados significativos quando submetem os seus filhos e filhas a exaustivas horas de estudos para obter os melhores resultados que serão substratos para a continuação de um padrão familiar, onde garantir o status quo vale muito mais do que se obter uma aprendizagem significativa para a vida.

Faz-se essa observação em relação às camadas mais abastadas da sociedade que utilizam das melhores estruturas escolares e suas ferramentas disponíveis para garantir a continuidade da dominação de áreas do mercado de trabalho que há séculos estão nas mãos dos mais poderosos. As boas escolas, os melhores professores e as mais significativas propostas pedagógicas estão à disposição das classes dominadoras. Os cursos de Medicina, Direito e Engenharia não são para os filhos e filhas das camadas populares da sociedade, e quando alguém desse meio consegue por esforço próprio e muita ajuda a cadeira de titular num desses cursos elitizado é considerado um sortudo. Conseguiu-se uma “façanha”.

Como descreve Paulo Freire (1978, p.172) “Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbanas) tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder”.

Dessa forma, ausente do que se pode chamar de inclusão pela educação, uma parcela considerável da sociedade brasileira não alfabetizada não pode ao menos pensar um projeto de futuro em longo prazo, devido à grande acumulação de pessoas não alfabetizadas na família. O que se acompanha na atual realidade é o contingente dos desistentes aumentando a cada dia nas escolas. Esse efeito faz propagar ainda mais o ciclo de pobreza nas camadas vulneráveis, já que nenhum membro da família consegue quebrar essa engrenagem produtiva de seres não escolarizados.

Na fala de M1 “o futuro é incerto e não espero muita coisa não”, e vai adiante dizendo que “perdeu muito tempo na vida com coisas que não valeram à pena”. Destaca que uma pessoa sem conhecimento é muito marginalizada, mas que “já se acostumou com isso e que até hoje sobreviveu assim, e que futuro, quem quiser que corra atrás do seu. Não será ela que vai se desgastar nos bancos das escolas”.

Destacou M2 que “não vê muita importância com essa coisa de futuro não, que aprendeu a sobreviver a cada dia e que o presente é o que importa”. Relata que “as coisas são difíceis para quem não sabe ler e escrever, mas não está preocupada com isso não”. Relatou que as pessoas sempre “falam dessa coisa de futuro, mas de que adianta correr tanto atrás disso se já está acostumada com tão pouco”.

Descreveu H1 que “o futuro a Deus pertence, e não faço nenhuma previsão a respeito”. Disse que sofre muito por ser analfabeto, mas que vai tocando a vida assim mesmo e que algumas vezes já sonhou lendo e escrevendo e que no sonho estava muito feliz. H1 disse também que “os contra tempos da vida foram tirando a vontade de realizar alguns projetos” e um deles é o de se tornar uma pessoa alfabetizada.

Já H2 relatou que as suas perspectivas de futuro morreram ainda na infância quando foi obrigado a trabalhar cedo na roça para ajudar seus pais. Conta que “não espera muita coisa não porque já está adaptado com a vida que leva, e que mesmo sem saber ler e escrever consegue resolver os problemas que lhe aflige no dia-a-dia”. Também descreve que “tem que viver o agora e não fica pensando no futuro”, e que se fizer isso vai deixar de fazer muitas coisas que lhe garante a sobrevivência.

Mencionou H3 que “já está muito velho pra ficar pensando no futuro”, entende que já passou vários “vexames” na vida por ser analfabeto, mas que “não está ligando muito pra isso não, que o que importa é o presente”. H3 relata que “já está muito velho para estudar e que vai deixar essa coisa de escola para os filhos e netos que estão novos e com disposição para estudar”.

Percebe-se nos relatos anteriores que as respostas são diferentes, mas ao mesmo tempo idênticas quando os educandos e educandas responderam quase que de forma ensaiada a sua negação quanto às perspectivas de futuro. Os sujeitos das camadas populares e dos chamados bolsões de pobreza vivem um eterno presente, já que o passado lhe submeteu a uma condição de “seres menos”. Nesse

sentido fazer uma projeção para o futuro é quase uma causa perdida, já que a negação o impossibilita de ser “seres mais”, seres capazes de buscar na alfabetização a saída para a sua conscientização política.

Como descreve Paulo Freire (1978, p. 20) “Na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar o povo a “fanatismos destrutivos”. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação.

5.2 Quanto às Adesões:

Primeira pergunta: O que lhe motivou a participar do projeto da EJA na Casa de Paulo Freire?

Em relação à questão 1 percebe-se e fica evidenciado que a maioria das pessoas que procuram o projeto de educação popular na Casa de Paulo Freire tem um sonho, sonho esse que vem alimentando ao longo de sua trajetória de vida onde diversos fatores impossibilitaram a sua entrada como sujeitos de direitos no mundo do conhecimento. Ao experimentar essa nova fase em sua vida, extasia-se ao perceber que o sonho passa a ser realidade, e que todos aqueles fatores negativos que impediam o seu ingresso na escola, deixam de existir.

Como destaca a educanda M3, a sua entrada no projeto veio ao encontro da necessidade de aprender a ler e escrever, isso “sem falar do incentivo que recebia da filha mais velha”.

A educanda M4 tinha um sonho que é comum entre a população nordestina: buscar novas oportunidades, e Brasília foi o lugar escolhido. Coincidentemente passou a morar na mesma rua onde acontece o projeto, disse que “era tudo que eu queria, uma escola próxima de casa” com uma proposta diferenciada de ensino, e destaca que os professores ensinam com muita paciência, isso lhe deixou “encantada”.

O educando H4 destacou que a vontade de ler e escrever era muito grande, mas nunca teve oportunidade e tão pouco incentivo. Disse que recebeu muito

incentivo até se convencer a entrar no projeto, e que hoje se sente muito feliz em ler e escrever.

O educando H5 enfatizou que sempre via o projeto funcionando e os professores dando aula, um dia “tomou coragem e decidiu entrar no projeto”, perguntou aos professores o que precisava, e respondeu que precisava somente de lápis, caderno, borracha e muita coragem, foi alfabetizado e atualmente está estudando na escola pública.

O educando H6 decidiu entrar no projeto porque sentiu necessidade de estudar. Segundo ele “as chances de melhorar de vida são bem maiores para quem estuda”, tentou várias vezes perseverar na escola pública, mas não conseguia desenvolver a sua aprendizagem desistindo logo em seguida. Disse que foi muito bem acolhido pelos professores, o que não aconteceu nos momentos que tentou permanecer no ensino oficial.

Dos cinco alunos participantes, três destacaram a forma como os professores ensinavam, tornando-se um aspecto decisivo para os educandos(as) em participar do projeto. Segundo Gadotti (1999, p.219) “Impulsionar e levar a frente uma alfabetização popular requer, como condição, uma autêntica confiança no povo como protagonista ativo e sujeito de suas próprias transformações históricas”.

Neste sentido Paulo Freire (1967, p.16) abre um diálogo com os educandos(as) sobre a questão “para que deseja educar-se?”. Fica logo evidente por suas respostas, que suas aptidões para a educação estão vinculadas não a um desejo abstrato de “saber”, mas por pretensões concretas de como conseguir um trabalho melhor para ganhar mais dinheiro e melhorar a vida para si e para a família.

Diante dos relatos dos educandos(as) fica evidenciado que a participação da sociedade civil como agente de monitoramento do controle social se faz mais do que necessário, devido à inoperância do estado na implementação de políticas públicas educacionais para o desenvolvimento desses sujeitos, que em algum momento se viram esquecidos pelos gestores do estado, tendo os seus direitos violados e conseqüentemente impedidos de serem cidadãos incluídos em um processo pedagógico de aprendizagem, que possibilitasse hoje, já com a idade avançada, um melhor posicionamento na sociedade.

Segunda pergunta: Quais objetivos você alcançou a partir do projeto da EJAI?

Não é necessário ser um grande pensador para refletir que, durante várias etapas da construção da sociedade brasileira, o indivíduo menos abastado foi literalmente incondicionado de ser pertencente a um grupo denominado de intelectuais. Esse pensamento equivocado das elites perpetua até os dias atuais, marca registrada da classe dominante que não acredita no potencial das massas populares.

O projeto de educação popular da Casa de Paulo Freire desconstrói essa ideia da classe dominante. Os educandos(as) percebem, ao ingressar no mundo do conhecimento, que são pessoas capazes de mudar a sua própria história. Os educandos(as) são motivados a aprender à medida que percebem que suas necessidades e interesses serão satisfeitos.

Conforme relata M3, antes de ingressar no projeto na Casa de Paulo Freire, sentia-se impossibilitada de desempenhar atividades simples, como pegar um ônibus, ler a bula de um remédio, preencher formulários, fazer compra sozinha e observar as datas de validade dos produtos. Destaca que agora se sente segura para desempenhar tarefas simples, e que enfim conquistou a sua autonomia e independência.

De acordo com M4, conseguiu um trabalho doméstico, e já consegue atender aos pedidos da patroa, tais como: ler uma lista de compras, preparar um prato diferenciado seguindo passo a passo as receitas e quando volta para casa toma o ônibus “sem precisar perguntar para ninguém”, mostrou uma autoconfiança ao declarar que hoje se sente uma pessoa livre e independente.

Descreveu H4 que depois de aprender a ler e escrever, “começou andar com as próprias pernas”, toma o ônibus sozinho para ir ao trabalho, lê suas correspondências, e consegue encontrar endereços em qualquer localidade sem perguntar a ninguém, e faz questão de enfatizar que hoje se sente bem melhor que antes, é livre e independente.

Disse H5 que depois que começou a participar do projeto na Casa de Paulo Freire, passou a se comportar melhor no meio das pessoas, aprendeu a ouvir e ser crítico de acordo com a questão abordada. Enfatizou que conseguiu tirar a carteira de motorista, o que antes via como um sonho impossível.

Conforme H6, já consegue resolver os seus problemas particulares, desenvolve um melhor diálogo com a família, consegue se organizar melhor financeiramente, tendo um melhor controle nos gastos. E que também está se sentindo muito mais seguro e não fica mais constrangido quando é chamado na escola para reuniões ou para resolver quaisquer problemas relacionados aos filhos.

Em relação à questão 02 ficou claro na fala de todos os educandos(as) o fato de terem adquirido habilidades e competências para realizarem ações extremamente importantes para o dia a dia. Isso vem ao encontro da proposta defendida pelos movimentos populares, que de forma alguma deixam de acreditar no potencial intelectual dos sujeitos que vivem em situação de vulnerabilidade social.

A proposta de Freire foi construída num passo a passo buscando entender as diretrizes da educação de jovens, adultos e idosos. Ele procurava entender o processo cognitivo de seu conhecimento, acreditava que o indivíduo tinha que ser visto como um todo política, ética, humanista e democraticamente livre. Seu maior desafio era despertar nos indivíduos o direito de participar da sociedade, e nisso atingir o nível de consciência crítica.

No relato de Paulo Freire (2011, p.105):

(...) a autonomia enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiência respeitosa da liberdade.

Com isso seria preciso a união de todos os agentes que estão envolvidos de forma direta e indireta com a educação. Atuar nas camadas populares é tarefa indispensável aos professores que sonham com o território nacional livre do analfabetismo. Para os educandos(as) a capacidade de decidir e de tomar o próprio destino nas mãos é essencial para a vida de um cidadão consciente de seus direitos e de seus deveres.

Terceira pergunta: Como seus familiares e as pessoas que fazem parte do seu círculo de convivência veem essa nova fase de sua vida?

Existe nas camadas populares uma certa descrença, quando o indivíduo não acredita mais na capacidade de transformar a precária condição de vida a que foi

submetido. No projeto de educação popular da Casa de Paulo Freire, percebe-se algo diferente, o sujeito que por muito tempo viveu desacreditado de tudo e de todos, encontra no círculo de cultura a possibilidade de interagir e trocar experiências, muitas vezes de problemas comum a todos, como os fatores que impossibilitaram a sua entrada na escola no dito período apropriado. Com isso vê no projeto a condição de recuperar o tempo perdido.

De acordo com Freire (1978, p.35),

A liberdade é uma conquista, e não uma doação exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inclusos.

Considerando-se o tópico da questão 03, como descreve M3, a convivência com os familiares e amigos mudou de forma substancial, agora esses lhe “veem com outro olhar”, acreditam no seu potencial como estudante. Sentem orgulho do que faz, e procuram incentivar a sua permanência na escola.

De acordo com M4, está sentindo um crescimento como uma cidadã incluída, que chega a ser inexplicável. Disse que o marido se animou e quer voltar a estudar e que os dois filhos que tinham desistido da escola renovaram a matrícula e já estão estudando.

H4 destacou que “a família está admirada com a sua força de vontade de aprender”, mesmo com a idade um pouco avançada, e sente-se muito mais desinibido do que antes de entrar no projeto.

Frisou H5 que seus familiares e amigos estão sentindo muito orgulho pela força de vontade para estudar, e percebem que está conquistando coisas que não estavam no seu imaginário antes de entrar no projeto. Recentemente tirou sua carteira de motorista, e conquistou uma posição melhor na empresa onde trabalha.

Disse H6 que depois que começou a estudar as coisas mudaram: “as pessoas dizem que estou mais sociável, e me admiram por estar inserido em trabalhos voluntários voltados para a comunidade”.

Conforme relatado anteriormente, percebe-se que os participantes demonstram o orgulho que sentem ao serem avaliados como pessoas que desafiaram e superaram as adversidades, tomando coragem e tendo a iniciativa de estudar. Ouviu-se em todas as falas palavras como: decisão, persistência, vontade, crescimento e conquista. De acordo com Gadotti (1999, p. 218),

Um projeto alfabetizador requer a aplicação de conhecimentos científicos e técnicos historicamente negados ao povo, cujo controle pode ser-lhe restituído por meio de uma aliança com o setor social que os detém, e ao longo de um processo que tem a alfabetização precisamente como ponto de partida.

Quarta pergunta: No projeto da EJAÍ além de ler e escrever, o que mais você aprendeu?

A busca do conhecimento se faz necessário nas camadas populares devido à grande diferença de condições em que vivem ricos e pobres. Incentivar os sujeitos que estão fora do contexto social a buscar os espaços de inclusão se faz necessário quando se lembra do longo processo de exclusão em que esses foram submetidos.

Nas palavras de Paulo Freire (1967, p. 75),

Aprender a ler e escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra em um sentido verdadeiro é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar.

Descreve M3 que aprendeu o que significam direitos e deveres de uma pessoa que vive em sociedade, e que depois de alfabetizada consegue se colocar em posições de destaque, e que a cidadania que vem alcançando ao longo do processo de aprendizagem está muito além do que esperava, há algum tempo atrás era algo distante para quem estava fora da escola. “Hoje sei a importância de manter a porta da minha casa limpa, de valorizar o trabalho do profissional que limpa a cidade, coletando o lixo todos os dias”. M3 lembra da importância de preservar o patrimônio público, por saber que esse é construído com o dinheiro do contribuinte. Coisa que ela não sabia quando era uma pessoa analfabeta, conclui.

M4 fez questão de dizer que seu comportamento mudou, a partir do momento que começou a participar do projeto de alfabetização. E foi além dizendo que aprendeu a respeitar o próximo, principalmente os amigos de trabalho. Disse: “agora

compreendo a importância de lutar pelos meus direitos e cumprir com os meus deveres”.

Na fala de H4 percebe-se a motivação que encontrou depois que entrou no projeto, disse que hoje “vê o mundo de outra forma e com outros olhos”, está se sentindo outra pessoa, sente-se incluído na sociedade, e que os colegas de sala, já é parte de sua família. Disse que ele hoje se interessa por questões de relevância para a sociedade, como por exemplo, a política, e tudo aquilo que é de interesse coletivo.

Destacou H5 que na Casa de Paulo Freire a educação de jovens, adultos e idosos é feita de verdade, que agora se sente um cidadão capaz e respeitado, e que a sua consciência mudou, e que no seu dia a dia está fazendo coisas boas para melhorar a comunidade em que vive, aprendeu que a solidariedade é essencial para a vida.

De acordo com H6, aprendeu a importância do trabalho voluntário, deu enfoque nos momentos que atua na igreja ajudando as pessoas que mais necessitam. E que se espelha muito no trabalho desenvolvido por seus professores, que são exemplos de pessoas comprometidas com as causas sociais.

Em todos os relatos é possível analisar que os educandos(as) fazem questão de destacar o seu despertar para a consciência que adquiriram em relação à prática educacional que estão vivenciando, e enfoca sobre os direitos e deveres do cidadão e cidadã. Sendo assim, no relato de Gohn (1992, p.17), “a consciência adquirida progressivamente por meio do conhecimento sobre quais são os direitos e os deveres dos indivíduos na sociedade hoje, em determinadas questões porque se luta, leva concomitantemente à organização do grupo”.

Quinta pergunta: Você acha importante a comunidade se organizar para reivindicar seus direitos?

O grande desafio dos integrantes dos movimentos populares é garantir que a causa dos excluídos da sociedade fique evidenciado. A luta constante por garantia de direitos faz com que esses sujeitos exerçam uma participação ativa, desempenhando um forte papel no controle social e cobrando um mínimo de projetos e a aplicação de políticas públicas que venham diminuir as desigualdades sociais. De acordo com Gohn (2001, p. 8) “a sociedade como um todo aprendeu a

organizar e a reivindicar seus direitos de cidadania, a partir da constatação da qualidade de não cidadão que são na prática”.

M3, em seu relato, acredita que a organização das comunidades periféricas fortalece as ações dentro da sociedade e força o estado, e essa luta se faz tão presente que não tem como as autoridades deixarem de atender certas reivindicações que são básicas, mas que venha surtir efeitos na transformação dos sujeitos atendidos.

Já M4 destaca que é muito importante estar participando dos projetos na comunidade, e salienta que a união das pessoas aumenta as chances do estado implementar projetos que venha fazer diferença na vida das pessoas, e que essa união se faz necessária.

Na fala de H4 fica evidenciada a diferença de educação que está recebendo na Casa de Paulo Freire, ele destaca a importância de participar dos movimentos sociais que acontece na comunidade, diz que essa postura do “sujeito que fica esperando as coisas acontecerem sem lutar, só faz o estado esquecer que esses existem”.

Pode-se analisar na fala de H5 o nível de consciência que está adquirindo depois que entrou no projeto da EJAI na Casa de Paulo Freire, e fala com toda segurança que o Estado não cumpre o seu papel de gestor, e se mostra inoperante na execução de projetos de transformação social nas comunidades mais vulneráveis. E vai além dizendo que: “É preciso que as pessoas se organizem cada vez mais, para continuar lutando por seus direitos de cidadão”.

Observa-se no relato de H6 que este já participa de projetos na comunidade, disse que desempenha há anos um trabalho no grupo de vicentinos da igreja católica que frequenta. Declarou que se espelha no trabalho de seus professores na Casa de Paulo Freire, e vai adiante, dizendo que o governo deveria adotar a mesma proposta de ensino nas escolas públicas que desenvolve a EJA.

Nos relatos dos educandos(as) ficou evidenciado o quanto é importante reivindicar e garantir os seus direitos perante o Estado, que se coloca em uma posição de pura ineficiência ao não cumprir as suas obrigações. Os entrevistados fizeram questão de destacar que esse é um fator determinante para que as camadas populares se unam, participando e atuando nos espaços de debates na sociedade

que são determinantes para dar visibilidade na realidade em que vivem. De acordo com Lima (2006, p.242):

Os movimentos populares como propulsora de uma “nova educação” que só se tornará viável em larga escala quando a experiência cotidiana de cada comunidade ou de cada grupo social, em seu trabalho, em seu lazer, em sua relação com o meio ambiente e com os outros se transformar em fonte de participação e, portanto, de conhecimento.

Sexta pergunta: Como você define o projeto e os educadores que vivenciam esses momentos com você?

Os movimentos populares crescem em uma proporção inimaginável, isso é fruto da persistência de atores anônimos que são incansáveis na luta por justiça social, e muitos desses já não estão entre nós. Ao fazer um levante do início do século XVI, o ponto de partida para a estruturação do Estado, não se pensou em propostas que culminassem em projetos estruturais para a educação. Nesse ponto o Estado que se iniciava deixou muito a desejar, porque a massa popular ficou de fora do processo. A forma equivocada de como o ensino foi implantado na sociedade resulta nos dias atuais num contingente de milhões de pessoas analfabetas, e analfabetos funcionais, com tudo isso o papel do professor que adota a pedagogia construtivista é fundamental para tentar equacionar tamanhas desigualdades.

De acordo com Paulo Freire (1978, p.232):

Em última instância, “produzir” os analfabetos/as” é arrancar-lhes a voz da participação, da cidadania e da vida social com dignidade. Ao analfabeto/ a rouba-se o direito de biografarem-se, isto é, de serem sujeitos que podem ter suas participações efetivamente concretizadas.

No dizer de M3 está sendo uma experiência muito boa, recebeu o incentivo que precisava para estudar, oportunidade que esperava há muito tempo. Destaca que a Casa de Paulo Freire é um espaço de acolhimento, diante disso faz todo esforço para estarem todos os dias em sala de aula, e não deixa de participar das atividades extras que acontecem no projeto.

Diante do relato de M4 os professores voluntários abrem mão de estarem em outras atividades pessoais, para estarem junto com os educandos(as) e percebe que existe uma dedicação muito forte por parte deles, que o carinho que recebe é o “combustível” que faz serem perseverantes na caminhada e na busca do conhecimento.

Destacou H4 que outras pessoas deveriam seguir o exemplo de seus educadores que desenvolvem o projeto com prazer, e frisa a forma de como é acolhido, sempre com alegria e afetividade, sente-se motivado para continuar estudando.

A fala de H5 dá destaque para a doação que os educadores da Casa de Paulo Freire têm ao dedicar parte de seu tempo para ensinar de forma voluntária as pessoas que não escrevem e não leem.

No relato de H6 enfatiza que: “O projeto está em primeiro lugar, o que não consegui aprender na escola pública em sete anos, aprendi em menos de dois anos na Casa de Paulo Freire”.

É predominante na fala dos educandos(as) entrevistados a interação entre educandos(as) e educadores por meio de um comprometimento e dedicação ao projeto de educação de jovens, adultos e idosos, reconhecendo como espaço onde os educadores transmitem uma forma de educar diferenciada dos modelos tradicionais existentes, onde as atividades são realizadas com alegria e dinamismo. Essa prática faz com que os educandos(as) se sintam motivados a continuar estudando. Segundo relata Paulo Freire (1996, p. 72) “quem se envolve com a prática educativa precisa carregar uma bagagem enorme de felicidade. Para ele educar é uma prática sabidamente política, e não qualquer um que consegue juntar teorias e práticas e passar para seus educandos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os encontros com os educandos(as) percebeu-se dois momentos distintos nos relatos. No primeiro contato, os que resistem à ideia de não aceitar a escola em sua vida, o sentimento foi de total incapacidade por não conseguir convencer o sujeito excluído do processo a aderir à educação como um instrumento de transformação social. Acredita-se que será preciso construir estratégias mais eficazes de abordagens que surtem efeitos mais significativos a ponto de reverter a descrença criada pela grande demanda de resistentes.

Mas por outro lado, verificaram-se nos relatos dos que aderiram ao processo de alfabetização o desejo que eles têm por uma oportunidade para mudar de vida, os seus anseios, as suas reflexões e propostas quando almejam a busca do conhecimento. Com isso percebeu-se a importância do movimento popular transformar um simples projeto de educação de jovens, adultos e idosos num provável modelo de ensino com uma perspectiva transformadora.

Os conceitos de Paulo Freire não só auxiliam como instigam e inspiram no avanço da pesquisa. Foi o ponto de partida quando se destaca a conscientização das massas populares para tentar diminuir as desigualdades sociais. Percebeu-se que é possível, sim, mudar a sociedade por meio de projetos construídos pela própria sociedade civil.

A partir do momento que se começa a pesquisar a Casa de Paulo Freire, o sentimento é de que outra proposta de educação é possível e que os movimentos populares e sociais são norteadores de projetos que surtem resultados significativos e que contemplam os educandos(as) que querem se inserir no mundo do conhecimento.

Outra coisa observada na pesquisa foi a aproximação da comunidade com os projetos existentes na cidade, e relataram que buscam esses serviços porque não há programas de governo suficientes para atender toda a demanda reprimida de sujeitos não escolarizados. Quando os populares recebem o convite para participar dos projetos na comunidade, percebem a importância destes, e se organizam para

garantir a legitimidade das ações voltadas para a educação de jovens, adultos e idosos.

Nas aulas práticas que acontecem na Casa de Paulo Freire observou-se a intensa participação dos educandos(as), a atenção e o comprometimento que têm em tudo que fazem e atendem de prontidão às tarefas que lhe são propostas no dia a dia.

Vislumbram-se as expectativas e as possibilidades de desdobramento da pesquisa e de várias perspectivas inter-relacionadas. Nesse sentido dá-se destaque aos atores anônimos que atuam de forma contínua para manter viva a chama acesa nos movimentos populares e sociais. Com essa atuação a transformação do sujeito atendido se dá de forma que se percebe na prática a diferença entre o antes e o depois da participação nos projetos populares e sociais.

Dessa forma acredita-se obter resultados mais consistentes e duradouros, porque o sujeito atingido deixa de ser expectador e passa a ser protagonista de sua própria história.

A realização da pesquisa serviu como termômetro para se continuar trabalhando as possibilidades de transformação nas comunidades em situação de vulnerabilidade social e que são desprovidas de políticas públicas educacionais para a alfabetização de jovens, adultos e idosos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Chico. **Brasil Vivo: Uma Nova História da nossa gente**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. Ver. E Atual. São Paulo: Moderna, 1996.

ARRUDA, Marcos. **Humanizar o infra-humano: a formação do ser humano integral: Homo evolutivo, praxis e Economia Solidária**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. **O que é o método Paulo Freire**. 1. Ed. São Paulo, Brasiliense, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BUARQUE, Cristovam. **A segunda abolição: um manifesto – proposta para a erradicação da pobreza no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá, bé, bi, bó, bú**. São Paulo: Scipione, 1998.

COSTA, Kelerson Semerene. **Meiaponte – História e meio ambiente em Goiás**. Brasília: Paralelo 15, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1978.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade.** 9. Ed. Paz e Terra, 2002.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 47. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida.** Indaiatuba, SP: Vila das Letras, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das Ideias Pedagógicas.** 8. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Escola cidadã.** 11. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 24)

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOIÂNIA. Editora Cartográfica Centro-Oeste. **Mapa do Brasil.** 2003. Mapa. Escala: 1:5.000.000.

GONH, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos sociais e educação.** 6. Ed. revista – São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 5).

GROSSI, Gabriel Pillar. Grandes Pensadores: 41 educadores que fizeram história, da Grécia antiga aos dias de hoje. **Revista Nova Escola**, n. 25, Jun. 2009, edição especial, p. 50-53, São Paulo: Abril editora.

LEAL, Telma Ferraz. **Desafios da educação de jovens e adultos: construindo práticas de alfabetização.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LIMA, Maria Nayde dos Santos; ROSAS, Argentina. **Quando as ideias e os afetos se cruzam.** Recife: Ed. Universitária da UFPE 2006. – (série Educação e cidade v.1).

MAANEN, Jonh, Van. **Recuperando métodos qualitativos para a pesquisa organizacional**: um prefácio, em processos administrativos ciência trimestral, Vol. 24, nº. 4, Dezembro 1979.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, v. 26, p. 149-158, 1990.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **História do Brasil**. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil/historia-do-brasil.php>>. Acesso em 21 de nov. 2016.

QUEIROZ, Joaquim. **Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil**. 2010. Disponível em: <<http://joaquimqueiroz.blogspot.com.br/2010/05/quilombos-e-revoltas-escravas-no-brasil.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **História do Brasil Teoria e Prática**. São Paulo: Ed. Rideel, 2003.

SUA PESQUISA. **História do Brasil República**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/republica/>>. Acesso em 21 de nov. 2016.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não-alfabetizados em uma sociedade letrada**, Ed. ver. São Paulo: Cortez, 2006.

TOMAZI, Nelson Dácio; **Iniciação a Sociologia**; pag. 232 ed. Atual; Ed. São Paulo: 2000.

YIN. Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - Quadro Comparativo – respostas dos entrevistados participantes – Resistências

Perguntas/ Entrevistado	M1	M2	H1	H2	H3
Primeira Pergunta: Qual a maior dificuldade que você encontra para permanecer no projeto da EJAI na Casa de Paulo Freire?	Diz que essa coisa de estudar tem que ser para os mais novos, e que já está velha demais, fala que fica com sono e dá vontade de dormir, e diz que estudar a noite não é coisa pra velho e que hoje com 55 anos, não sabe nem escrever seu nome.	Relatou que tem muita vontade de aprender mas toda vez que tentou permanecer na escola nunca deu certo, disse que uma vez estava indo bem conseguiu ficar quatro meses, quando descobriu que estava grávida do seu sexto filho. Relatou que na casa só o marido trabalha de ajudante de pedreiro e diz que o dinheiro é muito pouco.	Descreveu que, trabalha o dia todo debaixo de sol varrendo a rua e quando chega em casa está morto de cansado. E destaca que as vistas não ajudam, falta óculos que é muito caro, e vai adiante dizendo que se comprar uns óculos falta dinheiro pra comida.	Disse que trabalha muito longe e que todo dia tem que pegar quatro ônibus e que sempre chega em casa por volta de 08 horas da noite. Relata que já foi assaltado quando estava voltando da escola por dois menores em uma bicicleta. Disse também que estudar já velho é muito ruim, falta motivação. Na Casa de Paulo Freire H2 estava indo bem, mas questões familiares o fez desistir.	Disse que acha chato essa coisa de estudar e que só fez a matrícula no projeto porque ficou sabendo que no condomínio que trabalha o sistema de vigilância ia mudar. Disse que essa coisa de estudar nunca deu certo pra ele. Destaca que uma vez seu pai o colocou pra estudar na casa de uma professora que ficava batendo com um pedaço de pau na sua mão (palmatória). Enfatiza que como se vai aprender com uma pessoa lhe batendo?
Segunda pergunta: Quais foram os fatores que lhe fizeram desistir do	Respondeu que recebe todos os benefícios que o estado lhe proporciona, como o Bolsa Família? Destaca que já tentou estudar, mas desiste	Disse que quando tinha 13 anos arrumou um namorado mais velho do que ela, e que logo ela ficou grávida de seu primeiro filho. Atualmente	Disse que <i>“ninguém no mundo vai tirar o direito dele de jogar uma sinuca depois de um dia duro de trabalho, nem mesmo essa coisa de</i>	Disse que “o principal problema por ainda ser analfabeto é a mulher”. Já tentou de todas as formas convence-la de que precisa	Destaca que tem um problema muito sério com jogos e apostas e que já tentou de várias formas “largar o vício”, mas não

processo de alfabetização?	porque até hoje sobreviveu com o bolsa, catando latinha e fazendo faxinas. Descreve que ver tanta gente por aí que tem estudo, e nem trabalhando está, e que ela pelo menos tem a ajuda do governo e que os estudados não têm a ajuda de ninguém.	M2 tem 5 filhos. <i>“Daí veio às preocupações porque ela engravidava seguidamente”</i> . Como ela era muito pobre, teve que trabalhar para dar o que comer para os filhos. Diz que <i>“as pessoas falavam dessa tal de escola, mas era bem melhor ficar cuidando dos filhos do que estudar”</i>	escola”. Destacou que <i>“quando chega em casa está morto de cansado, e só pensa em descansar depois que vai bater a sua sinuca”</i> .	estudar, mas ela é irredutível em relação à escola, destaca que ela nem mesmo o deixa tentar preocupada com as amizades que vai encontrar na sala de aula.	consegue. Destaca ainda que fez várias tentativas para se alfabetizar no projeto, mas desistia <i>“porque os amigos ficavam falando pra ele que já estava velho e que estudar depois de velho é besteira”</i> . H3 disse também que já está acostumado com a vida humilde que vive que não tem nenhuma pretensão de sair de onde está.
Terceira pergunta: Quais motivações você recebe de sua família para estudar?	Enfatiza que jamais recebeu apoio da família para estudar, que toda vez que tentou ingressar na escola, sempre acontecia alguma coisa que a deixava desmotivada, principalmente quando estava desempregada. Outra coisa são os comentários de pessoas que não querem ver o seu crescimento, e dizem que M1 <i>“já está velha pra ficar se importando com escola”</i> .	Relata que os seus familiares nunca se importaram com os seus estudos, dizendo que já tem irmãos que terminaram o segundo grau e que duas irmãs estão fazendo curso superior, mas que quando fala em estudar já escuta uma frase decorado por todos os irmãos, que dizem que M2 <i>“tem que cuidar dos filhos e esquecer esse negócio de escola”</i> .	Diz que <i>“a sua família não está nem aí pra ele que se desmotivou de tudo, principalmente dessa coisa de estudar”</i> . Descreve que tem um monte de parentes que <i>“estão numa boa e que nem lembra que ele existe na terra”</i> .	Destaca que não encontra nenhum apoio da família para estudar. Disse que tem muita vontade de ler e escrever, interpretar e fazer as quatro operações, <i>“mas quando toca no assunto em casa é motivo de brigas com a esposa”</i> . Disse que pra preservar a sua relação vai tocando a vida assim mesmo.	Relata que a sua família até que tentou colocar na escola quando ele era pequeno, mas disse que na roça criança com cinco anos tem que trabalhar pra ajudar no sustento de casa. Disse ainda que alguns irmãos estudaram depois de velhos, mas que ele ficou pra trás e que hoje ninguém da família toca no assunto.
Quarta Pergunta:	Diz que se sente <i>“como</i>	Diz que <i>“é vergonhoso</i>	Diz que estar entre os que	Diz que estar na lista dos	Fez um verdadeiro desabafo

<p>Como você se sente sabendo que é um dos 13 milhões de brasileiras e brasileiros ainda não alfabetizados?</p>	<p><i>alguém que não tem nenhum valor para a sociedade”, diz que às vezes fica muito triste porque sabe que é parte desse montão de gente que está fora da escola.</i></p>	<p><i>saber que está na lista dos que não sabem ler e escrever”, e diz que a vida se torna muito mais difícil pra ela porque fica na dependência de terceiros quando precisa ir ao banco sacar o benefício ou fazer outra coisa que precisa de leitura.</i></p>	<p>não sabem ler e escreve lhe tira metade do sentido de existir, dizendo que só não é mais vergonhoso porque não está sozinho e que tem muita gente na mesma situação dele.</p>	<p>analfabetos é muito ruim porque “<i>sabe que só ele pode resolver esse problema, que sabe que existem muitas escolas pra quem é analfabeto, mas também sabe que a culpa não é da escola e sim dele</i>”, por não frequentar e vai adiante dizendo que já perdeu muitas oportunidades por não saber ler e escrever.</p>	<p>diante da pergunta, dizendo que “<i>se trata de uma verdadeira humilhação ainda ser analfabeto</i>”, e se defende dizendo que “<i>a culpa não é só dele porque a sua situação de extrema pobreza quando criança o impossibilitou de continuar estudando</i>”.</p>
<p>Quinta pergunta: O seu patrão ou sua patroa já motivou você para estudar?</p>	<p>Descreve que certa vez conversou com uma patroa que já fazia faxina há muito tempo na sua casa, que gostaria de aprender pelo ou menos escrever seu nome. M1 disse que “<i>a patroa deu um pulo dizendo que ela não tinha mais idade pra estudar e que estudar já velho era invenção de quem não tinha o que fazer</i>”.</p>	<p>Diz que “<i>a sua situação é tão grave que atualmente está dormindo na casa onde trabalha com medo de perder o emprego</i>”, dizendo que seus patrões ficam sempre lhe alertando que “<i>o Brasil vive uma crise sem precedentes e que o número de desempregados cresceu muito no país por causa dos governos do PT e que tem muita gente querendo a sua vaga</i>”.</p>	<p>Percebe a sua autonomia como profissional liberal, quando fala que seu patrão nunca insistiu pra ele ir pra escola, porque “<i>o patrão dele é ele mesmo</i>” e que “<i>somente uma vez trabalhou de empregado, mas que isso foi na roça quando ele ainda era um adolescente</i>”.</p>	<p>Disse que nem se ouve falar de escola por parte dos encarregados, já que os operários só conhecem os patrões por nome. Destaca também que “<i>são poucas aquelas pessoas que querem ver você crescer no local de trabalho</i>” e foi além dizendo que as oportunidades até surgem na empresa, mas “<i>como se é leigo quando vai ver a vaga já foi preenchido por um mais esperto do que ele</i>”.</p>	<p>Diz que na empresa em que presta serviço ao condomínio e que é contratado, nunca se falou em colocar os funcionários para estudar e que ele já está nessa empresa há 15 anos. Diz ainda que “<i>o patrão têm outras coisas pra se preocupar como, por exemplo, juntar dinheiro para pagar os funcionários</i>”</p>

<p>Sexta pergunta: O que você espera do futuro sem ser alfabetizado – alfabetizada?</p>	<p>Diz que “o futuro é incerto e não espero muita coisa não”, e vai adiante dizendo que “perdeu muito tempo na vida com coisas que não valeram à pena”. Destaca que uma pessoa sem conhecimento é muito marginalizada, mas que “já se acostumou com isso e que até hoje sobreviveu assim, e que futuro, quem quiser que corra atrás do seu.</p>	<p>Disse que “não vê muita importância com essa coisa de futuro não, que aprendeu a sobreviver a cada dia e que o presente é o que importa”. Relata que “as coisas são difíceis para quem não sabe ler e escrever, mas não está preocupada com isso não”.</p>	<p>Diz que “o futuro a Deus pertence, e não faço nenhuma previsão a respeito”. Disse que sofre muito por ser analfabeto, mas que vai tocando a vida assim mesmo e que algumas vezes já sonhou lendo e escrevendo e que no sonho estava muito feliz.</p>	<p>Relatou que as suas perspectivas de futuro morreram ainda na infância quando foi obrigado a trabalhar cedo na roça para ajudar seus pais. Conta que “não espera muita coisa não porque já está adaptado com a vida que leva, e que mesmo sem saber ler e escrever consegue resolver os problemas que lhe aflige no dia-a-dia”.</p>	<p>Disse que “já está muito velho pra ficar pensando no futuro”, entende que já passou vários “vexames” na vida por ser analfabeto, mas que “não está ligando muito pra isso não, que o que importa é o presente”.</p>
--	---	---	---	---	--

APÊNDICE B – Quadro Comparativo – respostas dos entrevistados participantes – Adesões

Perguntas/ Entrevistado	M3	M4	H4	H5	H6
Primeira pergunta: O que lhe motivou a participar do projeto da EJA na Casa de Paulo Freire?	Diz que a sua entrada no projeto veio de encontro com a necessidade de aprender a ler e escrever, isso <i>“sem falar do incentivo que recebia da filha mais velha”</i> .	Disse que tinha um sonho que é comum entre a população nordestina: buscar novas oportunidades, e Brasília foi o lugar escolhido. Coincidentemente passou a morar na mesma rua onde acontece o projeto, disse que <i>“era tudo que eu queria, uma escola próxima de casa”</i> com uma proposta diferenciada de ensino.	Destacou que a vontade de ler e escrever era muito grande, mas nunca teve oportunidade e tão pouco incentivo. Disse que recebeu muito incentivo até se convencer a entrar no projeto, e que hoje se sente muito feliz em ler e escrever.	Enfatizou que sempre via o projeto funcionando e os professores dando aula, um dia <i>“tomou coragem e decidiu entrar no projeto”</i> , perguntou aos professores o que precisava, e respondeu como resposta que precisava somente de lápis, caderno, borracha e muita coragem, foi alfabetizado e atualmente está estudando na escola pública.	Decidiu entrar no projeto porque sentiu necessidade de estudar, segundo ele <i>“as chances de melhorar de vida são bem maiores para quem estuda”</i> tentou várias vezes perseverar na escola pública, mas não conseguia desenvolver a sua aprendizagem desistindo logo em seguida.
Segunda pergunta: Quais objetivos você alcançou a partir do projeto da EJAI?	Antes de ingressar no projeto na Casa de Paulo Freire, sentia-se impossibilitada de desempenhar atividades simples, como pegar um ônibus, ler a bula de um remédio, preencher	Conseguiu um trabalho doméstico, e já consegue atender aos pedidos da patroa, tais como: ler uma lista de compras, preparar um prato diferenciado seguindo passo a passo as	Diz que depois de aprender a ler e escrever, <i>“começou andar com as próprias pernas”</i> , toma o ônibus sozinho para ir ao trabalho, lê suas correspondências, e consegue encontrar	Diz que depois que começou a participar do projeto na Casa de Paulo Freire, passou a se comportar melhor no meio das pessoas, aprendeu a ouvir e ser crítico de acordo	Diz que já consegue resolver os seus problemas particulares, desenvolve um melhor diálogo com a família, consegue se organizar melhor financeiramente,

	formulários, fazer compras sozinha e observar as datas de validades dos produtos.	receitas e quando volta para casa toma o ônibus <i>“sem precisar perguntar para ninguém”</i> .	endereços em qualquer localidade sem perguntar a ninguém.	com a questão abordada. Enfatizou que conseguiu tirar a carteira de motorista, o que antes via como um sonho impossível.	tendo um melhor controle nos gastos
Terceira pergunta: Como seus familiares e as pessoas que fazem parte do seu círculo de convivência veem essa nova fase de sua vida?	Para ela a convivência com os familiares e amigos mudou de forma substancial, agora esses lhe <i>“veem com outro olhar”</i> , acreditam no seu potencial como estudante. Sentem orgulho do que faz, e procuram incentivar a sua permanência na escola.	Disse que está sentindo um crescimento como uma cidadã incluída, que chega a ser inexplicável. Disse que o marido se animou e quer voltar a estudar e que os dois filhos que tinham desistido da escola renovou a matrícula e já estão estudando.	Destacou que <i>“a família está admirada com a sua força de vontade de aprender”</i> , mesmo com a idade um pouco avançada, e sente-se muito mais desinibido do que antes de entrar no projeto.	Disse que seus familiares e amigos estão sentindo muito orgulho pela força de vontade para estudar, e percebem que está conquistando coisas que não estavam no seu imaginário antes de entrar no projeto.	Disse que depois que começou estudar as coisas mudaram: <i>“as pessoas dizem que estou mais sociável, e me admiram por estar inserido em trabalhos voluntários voltados para a comunidade”</i> .
Quarta pergunta: No projeto da EJAÍ além de ler e escrever, o que mais você aprendeu?	Disse que aprendeu o que significam direitos e deveres de uma pessoa que vive em sociedade, e que depois de alfabetizada consegue se colocar em posições de destaque, e que a cidadania que vem alcançando ao longo do processo de aprendizagem está muito além do que esperava.	Fez questão de dizer que seu comportamento mudou, a partir do momento que começou a participar do projeto de alfabetização. E foi além dizendo que aprendeu a respeitar o próximo, principalmente os amigos de trabalho.	Percebe a motivação que encontrou depois que entrou no projeto, disse que hoje <i>“vê o mundo de outra forma e com outros olhos”</i> , está se sentindo outra pessoa, sente-se incluída na sociedade, e que os colegas de sala, já é são parte de sua família.	Disse que na Casa de Paulo Freire a educação de jovens, adultos e idosos é feita de verdade, que agora se sente um cidadão capaz e respeitado, e que a sua consciência mudou.	Aprendeu a importância do trabalho voluntário, deu enfoque nos momentos que atua na igreja ajudando as pessoas que mais necessitam. E que se espelha muito no trabalho desenvolvido por seus professores.
Quinta pergunta:	Acredita que a organização	Destaca que é muito	Diz ver a diferença de	Fala sobre o nível de	Diz que já participa de

<p>Você acha importante a comunidade se organizar para reivindicar seus direitos?</p>	<p>das comunidades periféricas fortalece as ações dentro da sociedade e força o estado, e essa luta se faz tão presente que não tem como as autoridades deixarem de atender certas reivindicações que são básicas mas que venha surtir efeitos na transformação dos sujeitos atendidos.</p>	<p>importante estar participando dos projetos na comunidade, e salienta que a união das pessoas aumenta as chances do estado implementar projetos que venha fazer diferença na vida das pessoas, e que essa união se faz necessária.</p>	<p>educação que está recebendo na Casa de Paulo Freire, ele destaca a importância de participar dos movimentos sociais que acontece na comunidade.</p>	<p>consciência que está adquirindo depois que entrou no projeto da EJAI na Casa de Paulo Freire, e fala com toda segurança que o estado não cumpre o seu papel de gestor, e se mostra inoperante na execução de projetos de transformação social nas comunidades mais vulneráveis.</p>	<p>projetos na comunidade, que desempenha há anos um trabalho no grupo de vicentinos da igreja católica que frequenta. Declarou que se espelha no trabalho de seus professores na Casa de Paulo Freire.</p>
<p>Sexta pergunta: Como você define o projeto e os educadores que vivenciam esses momentos com você?</p>	<p>Diz estar sendo uma experiência muito boa, recebeu o incentivo que precisava para estudar, oportunidade que esperava há muito tempo. Destaca que a Casa de Paulo Freire é um espaço de acolhimento, diante disso faz todo esforço para estar todos os dias em sala de aula, e não deixa de participar das atividades extras que acontecem no projeto.</p>	<p>Diz que os professores voluntários abrem mão de estarem em outras atividades pessoais, para estarem junto com os educandos(as) e percebe que existe uma dedicação muito forte por parte deles, que o carinho que recebe é o “combustível” que faz serem perseverantes na caminhada e na busca do conhecimento.</p>	<p>Diz que outras pessoas deveriam seguir o exemplo de seus educadores que desenvolvem o projeto com prazer, e frisa a forma de como é recebido, sempre com alegria e afetividade, sente-se motivado para continuar estudando.</p>	<p>Dá destaque para a doação que os educadores da Casa de Paulo Freire têm ao dedicar parte de seu tempo para ensinar de forma voluntária as pessoas que não escrevem e não leem.</p>	<p>Enfatiza que: “O projeto está em primeiro lugar, o que não consegui aprender na escola pública em sete anos, aprendi em menos de dois anos na Casa de Paulo Freire.”</p>

APÊNDICE C - Roteiros das Entrevistas

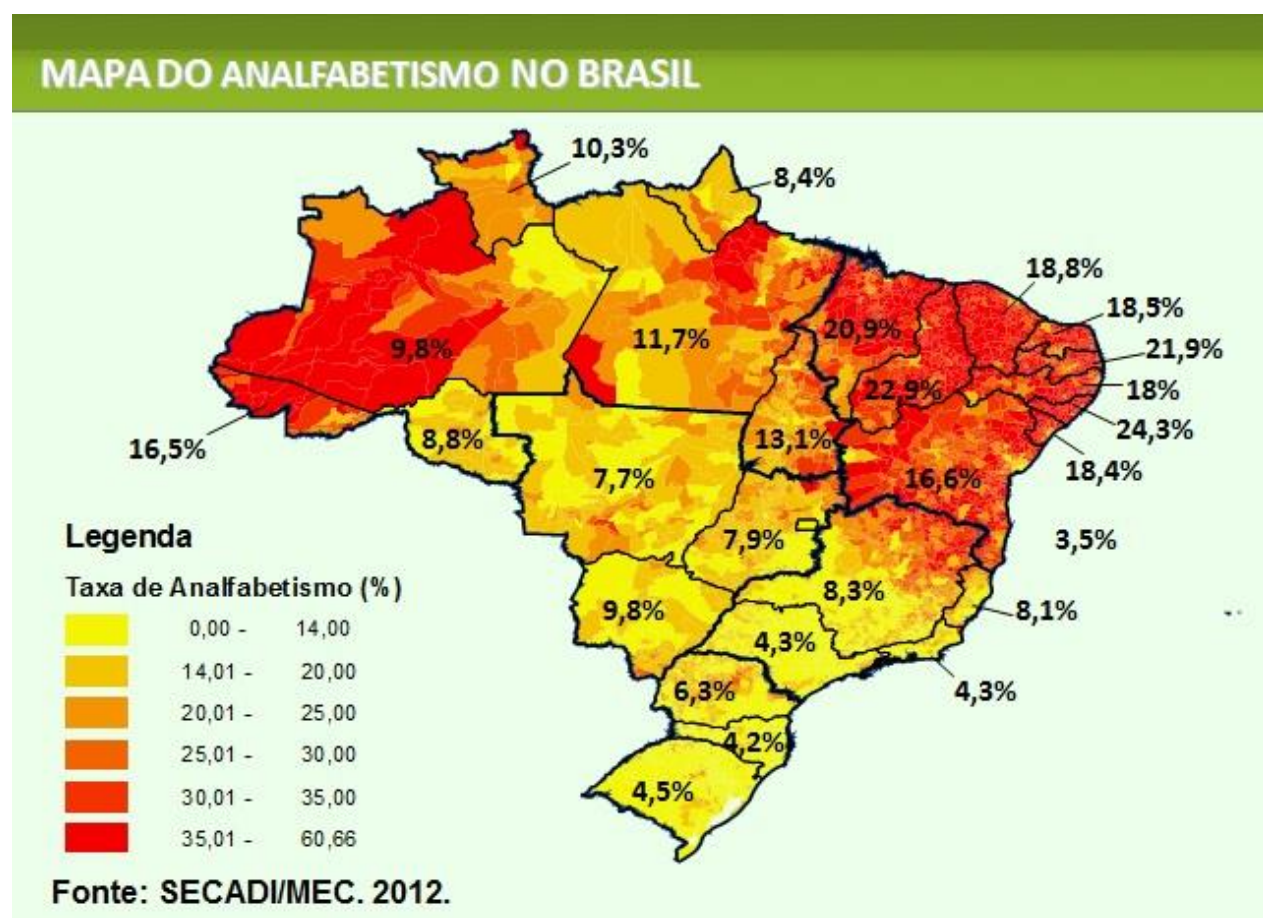
Roteiro de perguntas das Resistências:

- 1- Qual a maior dificuldade que você encontra para permanecer no projeto da EJA na Casa de Paulo Freire?
- 2- Quais são os fatores que lhe fizeram desistir do processo de alfabetização?
- 3- Quais motivações você recebe de seus familiares para estudar?
- 4- Como você se sente sabendo que é um dos 13 milhões de brasileiros e brasileiras ainda não alfabetizados?
- 5- O seu patrão ou sua patroa já motivou você para estudar?
- 6- O que você espera do futuro sem ser alfabetizado- alfabetizadas?

Roteiro de perguntas das Adesões:

- 1- O que lhe motivou a participar do projeto da EJA na Casa de Paulo Freire?
- 2- Qual objetivo você alcançou a partir do projeto da EJA?
- 3- Como seus familiares e as pessoas que fazem parte do seu círculo de convivência veem essa nova fase de sua vida?
- 4- No projeto da EJA além de ler e escrever, o que mais você aprendeu?
- 5- Você acha importante a comunidade se organizar para reivindicar os seus direitos?
- 6- Como você define o projeto e os educadores que vivenciam esses momentos com você?

ANEXO A - Mapa do Analfabetismo no Brasil



Fonte: MEC, 2012.